UNIVERSIDADE DE ÉVORA

Polo de Alter do Chão

Polo de Estremoz

Polo de Sines

Visão Estratégica para o *Campus* da Universidade de Évora

Ficha Técnica

Título	Visão Estratégica para o *Campus* da Universidade de Évora
Coordenação	Pró-Reitoria para o *Campus* e Infraestruturas
Edição	Universidade de Évora, Fevereiro de 2026
Produção Gráfica	Gabinete de Apoio às Tecnologias Digitais, Audiovisuais e Multimédia

UNIVERSIDADE DE ÉVORA

ÍNDICE

LISTA DE ABREVIATURAS 4

ÍNDICE DE FIGURAS 5

ÍNDICE DE QUADROS 5

1. Nota Introdutória 6

2. Sumário Executivo 7

2.1. Enquadramento 7

2.2. A visão preconizada: um *campus* estruturado em polos por áreas disciplinares 7

2.3. Infraestruturas transversais 11

2.4. Racionalização patrimonial 11

2.5. Requalificação como prioridade imediata 12

2.6. Faseamento, financiamento e condições de concretização 12

2.7. Nota Final 13

3. Enquadramento Estratégico e Princípios Orientadores 14

4. Modelo Funcional e Territorial do *Campus* 16

4.1. Polo da Saúde 17

4.2. Polo das Artes 19

4.3. Polo das Ciências Sociais 22

4.4. Polo das Ciências e Tecnologia 24

4.5. Polos territoriais de Estremoz, Sines e Alter do Chão 28

5. Infraestruturas e Funções Transversais 29

5.1. Organização espacial dos órgãos de governo e dos serviços 29

5.2. Organização espacial das residências universitárias, bibliotecas/arquivo e demais infraestruturas transversais de apoio à vida académica 31

5.3. Infraestrutura Transversal de Investigação, Inovação e Ligação à Sociedade e Infraestrutura Digital 35

5.4. Síntese do Modelo Funcional e Territorial do *Campus* 38

6. Requalificação do *Campus* Existente 44

7. Faseamento da Implementação do Modelo Funcional e Territorial do *Campus* 47

8. Governação, Financiamento e Parcerias Estratégicas 51

9. Nota Final – O *Campus* como Projeto Institucional 54

LISTA DE ABREVIATURAS

A3ES – Agência de Avaliação e Acreditação do Ensino Superior

CCDR - Comissão de Coordenação e Desenvolvimento Regional

CCVE – Centro Ciência Viva de Estremoz

CES - Colégio do Espírito Santo

CL - Colégio dos Leões

CLAV - Colégio Luís António Verney

CME - Câmara Municipal de Évora

CPF - Colégio Pedro da Fonseca

DECPT – Divisão de Empregabilidade, Comunidade e Projetos Transversais

ECS - Escola de Ciências Sociais

ECT - Escola de Ciências e Tecnologia

ESA - Edifício Santo Agostinho

ESDH - Escola de Saúde e Desenvolvimento Humano

ESESJD - Escola Superior de Enfermagem São João de Deus

HV - Hospital Veterinário

IIFA - Instituto de Investigação e Formação Avançada

PACT - Parque do Alentejo de Ciência e Tecnologia

PNAES – Programa Nacional para o Alojamento no Ensino Superior

PV - Palácio do Vimioso

SASUÉ - Serviços de Ação Social da Universidade de Évora

SIIUE - Sistema de Informação Integrado da Universidade de Évora

UCPs - Unidades Científico-Pedagógicas

UÉ - Universidade de Évora

UELab – Unidade de Gestão dos Laboratórios da UÉ

UNIMED - União das Universidades do Mediterrâneo

UOs - Unidades Orgânicas

ÍNDICE DE FIGURAS

Figura 1 – Visão Estratégica para o *Campus* 10
Figura 2 – Visão Estratégica para o Polo da Saúde 19
Figura 3 – Visão Estratégica para o Polo das Artes 21
Figura 4 – Visão Estratégica para o Polo das Ciências Sociais 23
Figura 5 – Visão Estratégica para o Polo das Ciências e Tecnologia 27
Figura 6 – Visão Estratégica para a Governação e Serviços 31
Figura 7 – Visão Estratégica para as Residências Universitárias, Bibliotecas/Arquivo e demais Infraestruturas Transversais de Apoio à Vida Académica 34
Figura 8 – Visão Estratégica para a Infraestrutura Transversal de Investigação, Inovação e Ligação à Sociedade e Infraestrutura Digital 37
Figura 9 – Síntese do Modelo Funcional e Territorial do *Campus* ..... **Erro! Marcador não definido.**
Figura 10 – Eixos Estruturantes para a Requalificação do *Campus* Existente 46
Figura 11 – Faseamento da Implementação do Modelo Funcional e Territorial do *Campus* 50
Figura 12 – Governação, Financiamento e Parcerias Estratégicas 53
Figura 13 – Síntese dos Princípios Orientadores da Visão Estratégica para o *Campus* da UÉ 55

ÍNDICE DE QUADROS

Quadro 1 - Estrutura Territorial e Funcional Estratégica do *Campus* 9
Quadro 2 – Visão Estratégica para o Polo da Saúde 18
Quadro 3 – Visão Estratégica para o Polo das Artes 21
Quadro 4 - Visão Estratégica para o Polo das Ciências Sociais 23
Quadro 5 - Visão Estratégica para o Polo das Ciências e Tecnologia 26
Quadro 6 - Modelo Territorial e Funcional do *Campus* 39
Quadro 7 – Infraestruturas a Manter no Quadro da Visão Estratégica para o *Campus* 41
Quadro 8 - Infraestruturas a Criar no Quadro da Visão Estratégica para o *Campus* 41
Quadro 9 - Infraestruturas a Alienar ou com Cessação de Utilização no Quadro da Visão Estratégica para o *Campus* 42

1. Nota Introdutória

Este documento resulta de um percurso institucional estruturado e participado, desenvolvido no âmbito do Plano de Participação da Comunidade Académica na Reflexão Estratégica sobre o Futuro do *Campus* da Universidade de Évora, estabelecido pela Circular n.º 5/2025, de 18 de junho, e representa a consolidação de uma visão estratégica para o desenvolvimento do *campus*, em coerência com os objetivos definidos no Plano Estratégico da UÉ 2023–2026, que destaca a requalificação das instalações, a definição de uma estratégia integrada para o *campus* e a afirmação de um modelo sustentável e orientado para o futuro, em linha com os princípios emergentes do processo participativo.

A primeira etapa deste percurso foi a elaboração do documento "Campus da Universidade de Évora: Diagnóstico e Reflexão Estratégica", que constituiu a base estruturante para a reflexão institucional. Esse trabalho realizou uma análise sistemática das infraestruturas físicas e tecnológicas da Universidade, avaliando o estado do edificado, a capacidade e adequação dos espaços, os custos de funcionamento e as necessidades de investimento, enquadrando diferentes cenários de evolução do *campus* — da requalificação do património existente a opções de reorganização estrutural mais profunda.

A segunda etapa correspondeu ao processo participativo alargado, envolvendo a comunidade académica e parceiros institucionais relevantes. O documento "Processo Participativo para o Futuro do *Campus* da Universidade de Évora" sistematizou os resultados desse processo, evidenciando convergências quanto à qualificação do *campus*, à necessidade de maior integração funcional, ao reforço da vida académica e à importância de preservar a ligação da Universidade à cidade e, em particular, ao seu centro histórico, afirmando o *campus* como projeto plenamente integrado no tecido urbano.

O presente documento assume o propósito de transformar essa base técnica e participada num quadro de visão estratégica e de orientação institucional, capaz de apoiar decisões estruturantes sobre o futuro do *campus*. Organiza prioridades em torno de um modelo funcional mais integrado, da requalificação do edificado existente e de um faseamento realista das intervenções, sustentado por modelos de financiamento e parcerias estratégicas.

Trata-se de um documento de referência institucional que afirma uma direção estratégica para o futuro do *campus*, enquanto dimensão central da afirmação da UÉ — não apenas como suporte físico da atividade académica, mas como fator determinante da qualidade do ensino, da investigação e da ligação ao território, assumindo o *campus* como projeto integrado na cidade e no seu desenvolvimento. A sua concretização constitui um compromisso institucional de médio e longo prazo, exigindo mobilização continuada de recursos, parcerias e capacidade de execução para transformar esta visão num programa estruturante da Universidade.

2. Sumário Executivo

2.1. Enquadramento

A presente Visão Estratégica consolida o percurso de reflexão desenvolvido pela UÉ sobre o futuro do seu *campus*, assente num diagnóstico técnico e funcional das infraestruturas existentes e num processo participativo alargado envolvendo a comunidade académica e parceiros institucionais.

Desse percurso emergiu a necessidade de estruturar o *campus* de forma mais integrada, funcionalmente coerente e financeiramente sustentável, reforçando simultaneamente a sua identidade histórica e a sua capacidade de afirmação futura.

O presente documento traduz essa convergência numa proposta clara de reorganização territorial, qualificação progressiva do edificado e consolidação de infraestruturas estratégicas.

Das contribuições recolhidas emergiram convergências claras:

- Necessidade de maior integração funcional;
- Redução da dispersão territorial;
- Reforço das condições de vivência académica;
- Qualificação urgente do edificado existente;
- Sustentabilidade financeira e racionalização patrimonial;
- Consolidação do papel estratégico da Universidade no território.

A presente Visão Estratégica traduz estas prioridades num modelo estruturado de desenvolvimento do *campus*, assumindo decisões orientadoras e estabelecendo um quadro coerente para a sua concretização faseada e sustentável.

2.2. A visão preconizada: um *campus* estruturado em polos por áreas disciplinares

A Visão Estratégica propõe um Modelo Funcional do *Campus* estruturado em polos disciplinares, articulados entre si e apoiados por infraestruturas transversais qualificadas, bem como por polos territoriais especializados que reforçam a dimensão científica e regional da Universidade.

A orientação central é a construção de um *campus*:

- Mais integrado e funcionalmente coerente;
- Organizado em torno de áreas disciplinares estruturantes;
- Com forte articulação entre ensino, investigação e ligação à sociedade;
- Territorialmente racionalizado e financeiramente sustentável;
- Progressivamente qualificado e preparado para os desafios futuros.

O modelo organiza o *campus* em quatro polos disciplinares estratégicos, funcionalmente interligados entre si e articulados com infraestruturas transversais e subpolos especializados:

- **Polo da Saúde**

Localizado na área do Novo Hospital Central do Alentejo, concentrará as valências da Escola Superior de Enfermagem São João de Deus e da Escola de Saúde e Desenvolvimento Humano, consolidando um ecossistema integrado de formação, investigação e prestação de serviços em saúde, em articulação direta com a nova infraestrutura hospitalar.

- **Polo das Ciências e Tecnologia**

Estruturado ao longo do eixo Novo Hospital – Mitra, concentrará progressivamente as valências da Escola de Ciências e Tecnologia, a articulação com o Polo da Saúde e a consolidação da Mitra como *campus* científico-experimental. Integra ainda o desenvolvimento de áreas estratégicas emergentes, designadamente no domínio da Engenharia Aeroespacial, em articulação com infraestruturas especializadas junto ao aeródromo de Évora.

- **Polo das Ciências Sociais**

Consolidado no centro histórico, assegura a concentração funcional das valências da Escola de Ciências Sociais, reforçando a ligação estruturante entre Universidade e cidade.

- **Polo das Artes**

Concentrado no Complexo dos Leões, consolida um polo funcional próprio, com identidade disciplinar clara e integração territorial coerente.

- **Polos Especializados**

Complementarmente, mantêm-se polos territoriais especializados — Sines, Alter do Chão e Estremoz — que reforçam a inserção regional da Universidade e a sua vocação científico-pedagógica aplicada.

O enquadramento estratégico, territorial e funcional de cada um dos polos disciplinares é desenvolvido nos capítulos seguintes.

O Quadro 1 sintetiza a estrutura territorial, funcional e infraestrutural estratégica do *campus*, identificando os ativos a manter, consolidar e desenvolver no quadro da Visão proposta. A Figura 1 ilustra essa mesma Visão.

Quadro 1 - Estrutura Territorial e Funcional Estratégica do *Campus*

Localização	Função Estruturante	Infraestruturas e Estruturas Estratégicas
Centro Histórico	Núcleo Institucional; Polo das Ciências Sociais	**A manter / consolidar**: Reitoria; Serviços; Escola de Ciências Sociais; Colégio do Espírito Santo; Palácio do Vimioso; Casa Cordovil **A criar / desenvolver:** Nova Biblioteca Central e Arquivo
Complexo dos Leões	Polo das Artes	**A manter / consolidar:** Escola de Artes; Edifícios existentes **A criar / desenvolver:** Novo edifício do Departamento de Música
Eixo Novo Hospital - Mitra	Polo da Saúde (Novo Hospital) Polo das Ciências e Tecnologia (Novo Hospital + Mitra)	**A manter / consolidar:** Edifícios existentes na Herdade da Mitra**;** **A criar / desenvolver:** Edifício do Polo da Saúde; Novo pavilhão gimnodesportivo e estruturas desportivas; Edifício para a Escola de Ciências e Tecnologia; Infraestrutura Transversal de Investigação, Inovação e Ligação à Sociedade (integrando IIFA e DECPT); Infraestrutura Digital Estratégica; Edifício científico-laboratorial multiusos na Herdade da Mitra
Polos Territoriais (fora do núcleo Évora - Mitra)	Especialização temática e ligação ao território	**A manter / consolidar:** Estremoz – Centro de Ciência Viva; Alter do Chão – Unidade clínica do cavalo e instalações de apoio a estudantes e investigadores **A criar / desenvolver:** CIEMAR (Sines) – Novo edifício;
Cidade de Évora	Engenharia Aeroespacial	**A criar / desenvolver:** Infraestruturas especializadas junto ao aeródromo de Évora
	Alojamento	**A manter / consolidar:** Residências António Gedeão, Manuel Álvares, Bento de Jesus Caraça e Florbela Espanca **A criar / desenvolver:** Novo Edifício (antiga IGEC); Nova Residência da Malagueira; Nova Residência na área do Novo Hospital

Figura 1 – Visão Estratégica para o *Campus*

2.3. Infraestruturas transversais

O modelo é complementado por um conjunto de infraestruturas transversais estratégicas, destinadas a assegurar maior articulação institucional e suporte integrado às diferentes áreas disciplinares e reforço da capacidade científica, tecnológica e digital da Universidade:

- Infraestrutura Transversal de Investigação, Inovação e Ligação à Sociedade no eixo Novo Hospital – Mitra, integrando estruturas dedicadas à valorização e transferência de conhecimento e inovação, bem como à sua articulação com o tecido económico e social;
- Nova Biblioteca Central e Arquivo;
- Rede de residências universitárias consolidada e racionalizada, incluindo a construção de duas novas unidades;
- Infraestrutura Digital Estratégica (incluindo *datacenter* e capacidades avançadas de computação, inteligência artificial, ciência de dados e serviços digitais transversais).

2.4. Racionalização patrimonial

A Visão Estratégica traduz-se numa reorganização patrimonial estruturada, assente numa combinação equilibrada entre:

- Manutenção e qualificação dos edifícios estruturantes do *campus*;
- Concentração funcional e reafetação de espaços, em coerência com a organização por polos estratégicos;
- Alienação ou cessação de utilização de edifícios cuja manutenção não se justifica face ao modelo definido, permitindo reduzir dispersão territorial e libertar recursos para investimento prioritário, designadamente:
  - ✓ Colégio Luís António Verney;
  - ✓ Colégio Pedro da Fonseca;
  - ✓ Colégio Mateus d'Aranda;
  - ✓ Atual Pavilhão Gimnodesportivo;
  - ✓ Edifício Santo Agostinho (não pertencente à UÉ);
  - ✓ Edifício atualmente utilizado pela Escola Superior de Enfermagem São João de Deus (não pertencente à UÉ);
  - ✓ Residências Portas de Moura, Eborim e Soror Mariana;
  - ✓ Edifício das Alcaçarias.
- Construção seletiva de novas infraestruturas estruturantes, designadamente:
  - ✓ Edifício do Polo da Saúde na área do Novo Hospital;

- ✓ Novo Pavilhão Gimnodesportivo e estruturas desportivas complementares na área do Novo Hospital;
- ✓ Edifício para o Departamento de Música no Complexo dos Leões;
- ✓ Edifício de apoio à investigação com funcionalidades transversais na Herdade da Mitra;
- ✓ Infraestruturas destinadas às valências da ECT na área do Novo Hospital;
- ✓ Infraestrutura Transversal de Investigação, Inovação e Ligação à Sociedade na área do Novo Hospital;
- ✓ Infraestrutura Digital Estratégica;
- ✓ Biblioteca Central e Arquivo no Centro Histórico;
- ✓ Residências universitárias na Malagueira e na área do Novo Hospital;
- ✓ Infraestruturas para desenvolvimento da Engenharia Aeroespacial junto ao aeródromo;
- ✓ Edifício do CIEMAR, em Sines.

A racionalização patrimonial é assumida como instrumento estruturante de sustentabilidade financeira e coerência territorial, assegurando que o investimento em novas infraestruturas é acompanhado por uma integração funcional reforçada entre áreas disciplinares afins e pela elevação do padrão qualitativo das infraestruturas da Universidade. Embora se mantenha uma presença territorial distribuída, o modelo reduz a dispersão desarticulada atualmente existente e promove maior articulação estratégica entre ensino, investigação e ligação à sociedade.

2.5. Requalificação como prioridade imediata

Antes de qualquer expansão significativa, a estratégia privilegia:

- Qualificação do edificado existente, com prioridade às situações mais críticas;
- Melhoria do conforto, acessibilidade e eficiência energética;
- Valorização dos espaços exteriores e reforço das condições de permanência e vivência académica.

2.6. Faseamento, financiamento e condições de concretização

A transformação do *campus* é assumida como um projeto institucional de médio e longo prazo, a concretizar de forma faseada e financeiramente sustentável. O modelo articula:

- Requalificação progressiva do edificado existente;
- Criação seletiva de novas infraestruturas;
- Consolidação gradual dos polos estratégicos e da sua integração funcional;
- Sustentabilidade financeira e ambiental;
- Articulação institucional com tutela, município e parceiros estratégicos.

A concretização desta Visão assenta numa estratégia ativa de mobilização de financiamento, articulando recursos próprios da Universidade, fundos europeus e nacionais de apoio à ciência e ao ensino superior, contratos-programa com a tutela e parcerias institucionais, assegurando previsibilidade financeira e capacidade de execução ao longo do tempo.

A racionalização patrimonial prevista constitui igualmente instrumento de sustentabilidade financeira, permitindo libertar recursos para investimento estruturante e assegurar maior previsibilidade orçamental.

2.7. Nota Final

A Visão Estratégica para o Futuro do *Campus* da UÉ afirma uma decisão institucional clara: estruturar um *campus* mais integrado, funcional, sustentável e territorialmente coerente, reforçando simultaneamente a sua identidade histórica e a sua capacidade de projeção futura.

A transformação proposta não constitui uma rutura abrupta, mas uma reorganização progressiva, sustentada e financeiramente responsável, a concretizar de forma faseada e continuada, capaz de alinhar o *campus* com as exigências futuras e consolidar o papel da Universidade como instituição pública de referência no contexto regional, nacional e internacional.

3. Enquadramento Estratégico e Princípios Orientadores

A presente secção sintetiza, numa perspetiva estratégica, as principais convergências identificadas no âmbito do Plano de Participação da Comunidade Académica sobre o Futuro do *Campus* da UÉ. Partindo do diagnóstico institucional realizado e dos contributos recolhidos junto da comunidade académica e de entidades externas relevantes, estabelece-se o quadro de princípios orientadores que sustenta as opções estruturantes apresentadas nos capítulos seguintes.

A definição de uma visão estratégica para o *campus* constitui um exercício institucional de particular relevância. O *campus* não é apenas o suporte físico das atividades académicas e administrativas: é um elemento central da identidade da Universidade, da qualidade da experiência universitária e da sua capacidade de afirmação no território e no sistema nacional de ensino superior. A sua organização espacial, o estado das infraestruturas e a qualidade dos espaços de ensino, investigação e convivência influenciam diretamente a atratividade institucional, a eficiência do funcionamento interno e a projeção futura da Universidade.

Num contexto marcado por exigências crescentes em matéria de inovação pedagógica, modernização científica, sustentabilidade ambiental, transformação digital e competitividade, o *campus* assume um papel determinante na consolidação do posicionamento estratégico da UÉ. Pensar o *campus* é, por isso, pensar a Universidade enquanto projeto coletivo de longo prazo, capaz de oferecer infraestruturas adequadas às exigências atuais e futuras, de promover maior integração entre áreas disciplinares e de afirmar uma presença territorial coerente com a sua história, a sua inserção urbana e com as suas responsabilidades.

Neste sentido, o *campus* deve ser entendido como um ativo institucional estratégico. A sua qualificação e reorganização não respondem apenas a necessidades de manutenção ou expansão física, mas traduzem uma visão integrada sobre o papel da UÉ nas próximas décadas: uma instituição mais articulada internamente, mais sustentável, mais atrativa e mais bem preparada para enfrentar desafios emergentes, contribuindo de forma consistente para o desenvolvimento do território e para a afirmação da Universidade nos contextos nacional e internacional.

A presente Visão Estratégica estabelece, assim, um quadro de referência claro para o Modelo Funcional e Territorial do *Campus*, orientando decisões estruturantes e assegurando coerência institucional ao longo do tempo.

A evolução do *campus* deverá assentar num conjunto de princípios orientadores que garantam coerência, continuidade e sentido institucional às decisões a adotar:

- **Impõe-se promover um *campus* mais integrado e funcionalmente coerente**. A dispersão atual de valências e serviços, resultante de fatores históricos e patrimoniais, gera constrangimentos operacionais, custos acrescidos e menor coesão funcional. A reorganização futura deverá privilegiar a estruturação em polos estratégicos, potenciando sinergias, reforçando a legibilidade do *campus* e assegurando uma melhor articulação interna, sem comprometer a ligação histórica da Universidade à cidade;
- **A qualificação do edificado existente constitui uma prioridade incontornável**. A requalificação das infraestruturas deve assegurar condições adequadas de conforto, segurança, acessibilidade e funcionalidade, compatíveis com uma universidade moderna e competitiva. Esta intervenção deverá ser seletiva, faseada e orientada por critérios de impacto nas diferentes missões da Universidade, assegurando sustentabilidade financeira e capacidade de execução;
- **A qualidade da vida académica deve assumir centralidade**. Residências, espaços de estudo, alimentação, mobilidade, desporto e áreas de convívio são dimensões estruturantes da experiência universitária e influenciam decisivamente a atratividade institucional e a construção de um sentido de comunidade;
- **A sustentabilidade ambiental e financeira constitui um princípio transversal**. A melhoria do desempenho energético dos edifícios, a racionalização de consumos e a redução de custos de funcionamento são condições essenciais para garantir a viabilidade do desenvolvimento do *campus* a médio e longo prazo, alinhando a Universidade com metas de transição climática e com oportunidades de financiamento orientadas para a modernização sustentável;
- **A articulação institucional e territorial deve ser reforçada**. A transformação do *campus* exige continuidade estratégica, governação consistente e cooperação com parceiros externos relevantes. A mobilização de instrumentos de financiamento adequados e o enquadramento das intervenções em políticas públicas mais amplas são determinantes para assegurar a concretização progressiva da Visão definida.

A concretização do Modelo Funcional e Territorial do *Campus* constitui um projeto institucional de médio e longo prazo, a implementar de forma faseada e orientada por princípios de coerência territorial e sustentabilidade financeira. A sua materialização exigirá coerência estratégica, continuidade institucional e capacidade de articulação entre qualificação do edificado existente, desenvolvimento de novas infraestruturas e consolidação progressiva das funções estruturantes da Universidade.

4. Modelo Funcional e Territorial do *Campus*

No quadro dos princípios orientadores definidos no capítulo anterior, importa agora estruturar o Modelo Funcional e Territorial do *Campus*, clarificando a organização espacial proposta e as orientações associadas à consolidação dos polos funcionais estratégicos.

A UÉ apresenta uma configuração territorial singular no contexto do ensino superior português, resultante da sua história, do seu património edificado e da evolução progressiva das áreas de desenvolvimento estratégico. A sua implantação não se organiza num único espaço contínuo, mas antes numa rede de unidades distribuídas no território, atualmente estruturada em cinco polos territoriais: Évora, Mitra, Sines, Alter do Chão e Estremoz. Importa distinguir claramente entre polos territoriais — decorrentes da implantação histórica da Universidade — e polos funcionais estratégicos, definidos no presente documento como estrutura organizadora do modelo funcional do *campus*.

A reorganização funcional proposta não coloca em causa a relação histórica da Universidade com a cidade de Évora, nem a sua presença estruturante no centro histórico, que constitui um elemento identitário distintivo da UÉ.

O modelo proposto assenta na consolidação progressiva de polos funcionais estratégicos estruturados em torno das grandes áreas disciplinares da Universidade — Saúde, Artes, Ciências Sociais e Ciências e Tecnologia — articulados com os polos territoriais existentes e com as infraestruturas de carácter transversal apresentadas no capítulo seguinte. Esta organização foi identificada, no processo de auscultação da comunidade académica, como a opção preferencial para o reforço da coesão institucional.

A consolidação destes polos funcionais deverá ocorrer de forma progressiva, articulada com a qualificação das infraestruturas existentes, com o desenvolvimento de novas infraestruturas estruturantes e com as condições institucionais e financeiras necessárias à sua concretização. O modelo proposto constitui, assim, um referencial estratégico que, no plano funcional e territorial, traduz prioridades institucionais, assegura coerência às decisões futuras e projeta um *campus* mais integrado, qualificado e preparado para enfrentar os desafios das próximas décadas.

Nos pontos seguintes apresenta-se a organização funcional proposta e as orientações associadas à consolidação progressiva dos polos estratégicos, em articulação com os polos territoriais existentes e com as infraestruturas de carácter transversal que asseguram o equilíbrio global do *campus*.

4.1. Polo da Saúde

A consolidação do Polo da Saúde na área do Novo Hospital Central do Alentejo constitui uma prioridade estratégica para o futuro da UÉ. Este polo deverá afirmar-se como um espaço integrado de formação, investigação e inovação, reforçando a capacidade institucional da Universidade numa área decisiva para o desenvolvimento científico e social, com impacto direto no território e na projeção futura da instituição.

Neste contexto, a intenção de alargar a oferta formativa na área médica, designadamente através da submissão à Agência de Avaliação e Acreditação do Ensino Superior (A3ES) de um processo de acreditação para um Mestrado Integrado em Medicina, reforça a necessidade de consolidar um ecossistema académico e científico robusto no domínio da saúde, articulado com as infraestruturas hospitalares e com os principais atores do sistema regional, numa lógica integrada de formação, investigação e prestação de serviços especializados**.**

O Polo da Saúde deverá acolher, de forma articulada, as atuais valências da Escola Superior de Enfermagem São João de Deus (ESESJD), no domínio da formação e investigação em Enfermagem, e da Escola de Saúde e Desenvolvimento Humano (ESDH), integrando áreas como as ciências biomédicas e da saúde, as ciências farmacêuticas, o desporto e outros domínios associados à reabilitação e ao desenvolvimento humano. Esta convergência permitirá reforçar uma abordagem integrada à saúde, conjugando formação clínica, investigação aplicada e inovação interdisciplinar, em articulação com o novo Hospital Central do Alentejo e aprofundando a ligação institucional entre a Universidade e a comunidade, bem como potenciar a captação de projetos competitivos e o desenvolvimento de parcerias estratégicas no setor da saúde.

Do ponto de vista territorial e patrimonial, esta estratégia implica uma reorganização progressiva das atuais localizações. Em particular, prevê-se a cessação de utilização das atuais instalações da ESESJD, que não integram o património da Universidade, bem como a relocalização das valências da ESDH hoje dispersas, nomeadamente em Évora (CLAV e Pavilhão Gimnodesportivo) e no Polo da Mitra. Esta concentração contribuirá para uma maior coerência funcional, racionalização de recursos e reforço da identidade académica na área da saúde, criando condições para maior integração entre atividades letivas, clínicas e de investigação. A Universidade dispõe já de terreno destinado à instalação deste polo, encontrando-se em curso o projeto de execução do respetivo edifício.

A estratégia prevê igualmente a construção de um novo pavilhão gimnodesportivo, mais adequado às exigências atuais, o que implicará a alienação da infraestrutura existente, bem como o desenvolvimento de infraestruturas complementares especializadas. Estas poderão incluir espaços especializados nas áreas da reabilitação, performance humana e desporto universitário, bem como infraestruturas exteriores de apoio à prática desportiva, a integrar de forma coerente no desenho global do polo. Estas componentes

deverão ser planeadas de forma integrada, aproveitando os terrenos adjacentes ao novo edifício e afirmando o Polo da Saúde como eixo estratégico de desenvolvimento da UÉ nas próximas décadas e como plataforma estruturante de articulação entre a Universidade, o sistema de saúde regional e a sociedade.

O Quadro 2 sintetiza os principais elementos da Visão Estratégica para o Polo da Saúde e as orientações associadas à sua consolidação. A Figura 2 ilustra essa mesma Visão.

Quadro 2 – Visão Estratégica para o Polo da Saúde

Dimensão	**Orientação proposta**
Localização estratégica	Área adjacente ao Novo Hospital Central do Alentejo
Valências académicas a integrar	Escola Superior de Enfermagem São João de Deus (ESESJD) e Escola de Saúde e Desenvolvimento Humano (ESDH)
Reorganização funcional	Concentração das valências da ESDH e da ESESJD no novo Polo da Saúde
Reorganização/reafetação do edificado	Cessação de utilização das atuais instalações da ESESJD (não pertencentes à Universidade); Relocalização das valências da ESDH atualmente dispersas (CLAV, Pavilhão Gimnodesportivo e Herdade da Mitra) para a área do Novo Hospital
Alienações	Atual Pavilhão Gimnodesportivo;
Novas infraestruturas	Edifício principal do Polo da Saúde; Novo pavilhão gimnodesportivo; Espaços exteriores complementares para prática desportiva e apoio à formação em saúde
Objetivo	Consolidação de um ecossistema académico, científico e clínico integrado na área da saúde, reforçando a articulação com o novo hospital e com o território

Figura 2 – Visão Estratégica para o Polo da Saúde

4.2. Polo das Artes

As Artes constituem um dos traços mais distintivos da UÉ, exigindo um modelo espacial capaz de reforçar a sua identidade, potenciar sinergias e assegurar condições adequadas à formação e à criação artística. Neste contexto, o Polo das Artes assume um papel determinante na qualificação do *campus* enquanto espaço académico de produção e experimentação nesta área.

O Polo das Artes estrutura-se em torno da Escola de Artes, integrando áreas como a Arquitetura, as Artes Cénicas, as Artes Visuais e o *Design* e a Música. Atualmente, estas valências encontram-se distribuídas entre o Complexo do Colégio dos Leões, onde se concentra a maioria das atividades, e o Colégio Mateus d'Aranda, no centro histórico, onde funciona o Departamento de Música.

No âmbito da presente Visão Estratégica, a orientação central passa por reforçar a coerência funcional e espacial deste polo, privilegiando a concentração das valências da Escola de Artes no Complexo do Colégio dos Leões. Esta opção permitirá consolidar um núcleo integrado de formação artística, favorecendo a proximidade entre áreas complementares e reforçando a legibilidade institucional do Polo das Artes.

A concretização desta estratégia implica a instalação do Departamento de Música no Complexo dos Leões, através da construção de um edifício de raiz adequado às suas exigências pedagógicas, técnicas e artísticas. Do ponto de vista patrimonial e espacial, esta reorganização permitirá libertar o Colégio Mateus d'Aranda, viabilizando a sua alienação e assegurando maior racionalidade na gestão e no investimento no edificado.

Esta reorganização permitirá consolidar um polo integrado, reforçando a coerência espacial, a racionalização patrimonial e as condições de criação e experimentação, afirmando o Complexo dos Leões como núcleo estruturante para o desenvolvimento futuro da Escola de Artes.

A consolidação deste polo permitirá reforçar um modelo formativo integrado, articulando criação, dimensão técnica e investigação no domínio das artes, e assegurando condições adequadas ao desenvolvimento pleno das componentes criativa, científica e humana da formação. Para além da sua dimensão formativa, o Polo das Artes deverá afirmar-se como infraestrutura estratégica de criação, investigação e produção cultural com impacto regional, nacional e internacional. A concentração funcional no Complexo dos Leões, articulada com a requalificação progressiva das suas infraestruturas, criará as condições estruturais para consolidar, de forma duradoura, um núcleo integrado de experimentação, investigação-criação e programação cultural. Neste contexto, assume particular relevância a designação de Évora como Capital Europeia da Cultura em 2027, processo no qual a Universidade desempenha um papel ativo. Embora as intervenções estruturais previstas se desenvolvam num horizonte temporal mais alargado, a consolidação do Polo das Artes permitirá capitalizar o impulso gerado por 2027 e assegurar a continuidade das dinâmicas criativas e colaborativas que daí resultem, afirmando a Escola de Artes como plataforma permanente de articulação entre ensino, criação, investigação e comunidade. Esta estratégia potenciará a captação de financiamento competitivo, o desenvolvimento de parcerias com entidades culturais e criativas e a afirmação da UÉ como agente cultural estruturante no território.

O Quadro 3 sintetiza os principais elementos da Visão Estratégica para o Polo das Artes e as orientações associadas à sua consolidação. A Figura 3 ilustra essa mesma Visão.

Quadro 3 – Visão Estratégica para o Polo das Artes

Dimensão	Orientação proposta
Localização estratégica	Complexo dos Leões
Valências académicas a integrar	Escola de Artes
Reorganização funcional	Concentração de todas as valências da Escola de Artes no Complexo dos Leões
Reorganização/reafetação do edificado	Instalação do Departamento de Música no Complexo dos Leões
Alienações	Colégio Mateus d'Aranda
Novas infraestruturas	Edifício dedicado à instalação do Departamento de Música no Complexo dos Leões
Objetivo	Consolidação de um polo dedicado às artes integrado, reforçando a coerência funcional e a racionalização do património edificado

Figura 3 – Visão Estratégica para o Polo das Artes

4.3. Polo das Ciências Sociais

As áreas das Ciências Sociais constituem um dos eixos estruturantes da identidade histórica da UÉ. A respetiva Escola, que agrega diversas áreas das ciências sociais e humanas, desenvolve maioritariamente a sua atividade no centro histórico, estando as suas principais valências instaladas no Colégio do Espírito Santo — edifício emblemático da Universidade — ao qual se associam o Palácio do Vimioso e a Casa Cordovil, onde decorrem igualmente atividades letivas e científicas da Escola. Esta implantação confere a estas áreas uma forte ligação à cidade e ao património urbano, que constitui um dos traços distintivos da UÉ. Contudo, parte das valências encontra-se atualmente sediada no Colégio Pedro da Fonseca, localizado fora deste núcleo, o que introduz uma fragmentação espacial que reduz a coerência funcional do conjunto.

Neste enquadramento, a presente Visão Estratégica propõe a consolidação de um Polo das Ciências Sociais assente na concentração das suas valências no centro histórico, afirmando o Colégio do Espírito Santo como núcleo central e integrando o Palácio do Vimioso e a Casa Cordovil como extensões funcionais complementares deste núcleo.

Esta reorganização implica a relocalização das atividades atualmente instaladas no Colégio Pedro da Fonseca, bem como a criação de condições infraestruturais adequadas no Colégio do Espírito Santo e no Palácio do Vimioso. No caso do Colégio do Espírito Santo, deverá privilegiar-se a utilização de áreas atualmente subutilizadas ou passíveis de reafetação, incluindo espaços exteriores disponíveis e áreas edificadas cuja ocupação atual deva ser revista. Poderão ainda ser equacionadas soluções de ampliação ou adaptação infraestrutural, desde que compatíveis com as condicionantes patrimoniais e urbanísticas do centro histórico. No caso do Palácio do Vimioso, deverá proceder-se à reafetação de valências em coerência com a estratégia definida para as Ciências Sociais. A Casa Cordovil, atendendo às suas características e à existência de um anfiteatro adequado à lecionação, poderá manter a sua utilização para atividades letivas da Escola de Ciências Sociais no quadro da reorganização global do polo, reforçando a complementaridade funcional do conjunto. Propõe-se a alienação do Colégio Pedro da Fonseca após a conclusão da transferência integral das valências instaladas, em coerência com a estratégia de concentração funcional.

Esta estratégia permitirá reforçar a coerência funcional do polo e densificar a presença académica da UÉ no centro histórico, contribuindo para a racionalização de recursos e para a criação de um ambiente académico mais integrado, com condições mais favoráveis à articulação entre ensino, investigação e extensão à sociedade. Esta reorganização afirmará, assim, o centro histórico como espaço privilegiado de expressão da identidade académica da UÉ e de interação qualificada com o território.

O Quadro 4 sintetiza os principais elementos da Visão Estratégica para o Polo das Ciências Sociais e as orientações associadas à sua consolidação. A Figura 4 ilustra essa mesma Visão.

Quadro 4 - Visão Estratégica para o Polo das Ciências Sociais

Dimensão	Orientação proposta
Localização estratégica	Centro histórico de Évora (Colégio do Espírito Santo, Palácio do Vimioso e Casa Cordovil)
Valências académicas a integrar	Escola de Ciências Sociais (ECS)
Reorganização funcional	Concentração das valências da ECS no centro histórico
Reorganização/reafetação do edificado	Reorganização e otimização de espaços no Colégio do Espírito Santo; Relocalização das valências atualmente instaladas no Colégio Pedro da Fonseca; Reafetação do Palácio do Vimioso à Escola de Ciências Sociais
Alienações	Colégio Pedro da Fonseca
Novas infraestruturas	Eventuais soluções de ampliação ou adaptação infraestrutural no núcleo do Colégio do Espírito Santo
Objetivo	Consolidação do Polo das Ciências Sociais no centro histórico, reforçando a coerência académica e a centralidade institucional da UÉ na cidade

Figura 4 – Visão Estratégica para o Polo das Ciências Sociais

4.4. Polo das Ciências e Tecnologia

O Polo das Ciências e Tecnologia estrutura-se em torno da Escola de Ciências e Tecnologia (ECT), enquanto unidade orgânica responsável pelas áreas das Ciências Fundamentais, das Engenharias e Tecnologias, das Ciências da Terra e do Ambiente, das Ciências Agrárias e das Ciências Veterinárias. A sua configuração atual traduz-se numa dispersão territorial por diferentes edifícios situados em Évora — designadamente o Colégio Luís António Verney e a Casa Cordovil (ambos no centro histórico) e o Colégio Pedro da Fonseca (fora do centro histórico) — bem como na Herdade da Mitra, em Sines e em Alter do Chão. Esta dispersão, embora historicamente consolidada, justifica uma reorganização funcional coerente com a estratégia integrada do *campus* e orientada para maior concentração territorial e eficiência organizacional.

A reorganização das áreas das Ciências e da Tecnologia deverá estruturar-se preferencialmente ao longo do eixo Novo Hospital – Mitra, assumindo como localização estratégica, por um lado, a área envolvente ao novo hospital — em articulação com o futuro Polo da Saúde — e, por outro, a Herdade da Mitra, onde se encontram já implantadas as valências das Ciências Agrárias, Ambientais, Biológicas, da Medicina Veterinária e das Energias Renováveis. Esta estruturação territorial potencia uma abordagem integrada às interações entre saúde humana, saúde animal e sustentabilidade ambiental, alinhada com o paradigma *One Health*, reforçando as sinergias entre os domínios científico-tecnológicos e o Polo da Saúde.

Neste enquadramento, a consolidação do eixo Novo Hospital – Mitra deverá ser acompanhada pela criação de um corredor estruturado de mobilidade sustentável, promovendo uma ligação ecológica e funcional entre as duas localizações. Este corredor deverá privilegiar soluções de mobilidade suave e transporte coletivo ambientalmente sustentável, designadamente percursos cicláveis e sistemas de transporte de baixo impacto carbónico, assegurando uma articulação territorial eficiente ao longo dos cerca de 9 km que separam ambos os núcleos. Para além da sua dimensão funcional, esta infraestrutura assumirá um valor estruturante e simbólico, reforçando a integração física do eixo científico-tecnológico e afirmando o compromisso da Universidade com a transição ecológica e a mobilidade sustentável.

No quadro da reorganização territorial definida, propõe-se a integração, na área do novo hospital, das valências da ECT atualmente sediadas em Évora, designadamente nas áreas das Engenharias, Informática, Física, Matemática, Geociências, Química e Bioquímica e Paisagem, Ambiente e Ordenamento. Isto implicará a construção, junto aos terrenos do novo hospital, de infraestruturas destinadas a acolher as atividades de ensino destas valências, permitindo concentrar as áreas científico-tecnológicas com maior proximidade temática e reforçar a sua coerência funcional ao longo do eixo definido. Paralelamente, as componentes de investigação, cátedras e estruturas de prestação de serviços atualmente associadas aos domínios científicos da ECT e instaladas no Palácio do Vimioso e no Colégio Pedro da Fonseca deverão ser progressivamente integradas na Infraestrutura Transversal de Investigação, Inovação e Ligação à

Sociedade, a desenvolver na mesma área territorial, assegurando maior articulação entre investigação, inovação e ligação à sociedade (conforme enquadrado no Capítulo 5).

Esta reorganização permitirá a transferência das valências atualmente sediadas no Colégio Luís António Verney e no Colégio Pedro da Fonseca, viabilizando a sua alienação no quadro da estratégia global de racionalização do edificado. No que respeita ao Palácio do Vimioso e à Casa Cordovil, a intervenção não assumirá natureza de alienação, mas antes de reorganização funcional e reafetação de espaços, em articulação com a reestruturação global do *campus*.

No quadro da afirmação estratégica da Universidade, destaca-se a criação recente da Licenciatura em Engenharia Aeroespacial, associada ao Departamento de Engenharia Mecatrónica. Esta nova oferta formativa constitui uma aposta estruturante, alinhada com o desenvolvimento do setor aeronáutico regional e com a estratégia institucional de consolidação de um centro de competências no domínio aeroespacial, fortemente articulado com os *clusters* regional e nacional. Atendendo à natureza específica das atividades laboratoriais e experimentais associadas a esta área, prevê-se o desenvolvimento de instalações especializadas junto ao aeródromo de Évora, a criar em parceria com a Câmara Municipal de Évora e com entidades do setor aeronáutico, assegurando condições técnicas adequadas à formação, à investigação aplicada e ao desenvolvimento de projetos de I&D com financiamento competitivo.

Em paralelo, prevê-se a construção de um edifício científico-laboratorial multiusos na Herdade da Mitra, integrando laboratórios e infraestruturas de suporte, concebido como elemento estruturante para a criação de um Polo de Investigação, Inovação e Transferência de Conhecimento Agroalimentar, destinado a qualificar e ampliar as condições existentes nas áreas das ciências agrárias e a reforçar a capacidade de captação de projetos de investigação aplicada e de colaboração com o setor produtivo. A concretização deste polo deverá apoiar-se simultaneamente na construção do novo edifício e na requalificação funcional de infraestruturas existentes na Herdade da Mitra, consolidando um núcleo de formação e investigação de referência no domínio das ciências agrárias e promovendo maior integração entre ensino, experimentação em contexto real e transferência de conhecimento.

No domínio das ciências veterinárias, a qualificação e modernização das infraestruturas existentes — incluindo os espaços de apoio às atividades práticas e clínicas — deverão assegurar o cumprimento dos requisitos técnicos e científicos associados à acreditação internacional do Mestrado Integrado em Medicina Veterinária, reforçando a qualidade formativa e a projeção internacional desta área específica.

A Herdade da Mitra deverá, assim, afirmar-se como *campus* científico-experimental, integrando de forma complementar as valências agrárias e veterinárias, e evoluindo progressivamente para uma herdade piloto orientada para a experimentação tecnológica, a integração de soluções digitais e a captação de projetos de I&D com financiamento competitivo, reforçando a sua projeção nacional e internacional.

Mantêm-se, complementarmente, os subpolos especializados de Sines, no domínio das Ciências do Mar — através do CIEMAR - Laboratório de Ciências do Mar — e de Alter do Chão, na vertente da Medicina Veterinária equina, nomeadamente através da unidade clínica instalada na Coudelaria de Alter, no âmbito dos protocolos institucionais em vigor. No caso de Sines, encontra-se já em curso a construção de um novo edifício, financiado, que permitirá substituir as atuais instalações — que não pertencem à Universidade — e consolidar patrimonialmente este subpolo, reforçando a presença estratégica da UÉ nesta área científica.

O objetivo global desta estratégia consiste em estruturar o Polo das Ciências e Tecnologia de forma territorialmente coerente e funcionalmente integrada ao longo do eixo Novo Hospital – Mitra, assegurando a concentração das valências académicas atualmente dispersas, a qualificação das infraestruturas de ensino e investigação e a valorização do *campus* científico-experimental da Mitra, em articulação com a racionalização do património edificado. Este modelo será suportado por um corredor estruturado de mobilidade sustentável, enquanto elemento de coesão funcional e ambiental do eixo estratégico definido.

O Quadro sintetiza os principais elementos da Visão Estratégica para o Polo das Ciências e Tecnologia e as orientações associadas à sua consolidação. A Figura 5 ilustra essa mesma Visão.

Quadro 5 - Visão Estratégica para o Polo das Ciências e Tecnologia

Dimensão	Orientação proposta
Localização estratégica	Eixo Novo Hospital – Mitra, suportado por corredor estruturado de mobilidade sustentável.
Valências académicas a integrar	Valências da ECT atualmente sediadas em Évora e valências já consolidadas na Herdade da Mitra.
Reorganização funcional	Concentração das valências da ECT atualmente sediadas em Évora na área do novo hospital; Integração das componentes de investigação e prestação de serviços associadas aos domínios científicos da ECT numa Infraestrutura Transversal de Investigação, Inovação e Ligação à Sociedade (cf. Cap. 5); Consolidação da Herdade da Mitra como *campus* científico-experimental e afirmação de um polo de formação e investigação de referência nas áreas das ciências agrárias e veterinárias; Desenvolvimento de um Centro de Competências no domínio Aeroespacial, articulado com os *clusters* regional e nacional
Reorganização/reafetação do edificado	Reorganização funcional do Palácio do Vimioso e da Casa Cordovil; Reorganização e qualificação funcional dos edifícios existentes na Herdade da Mitra; Cessação das atividades no atual edifício do CIEMAR em Sines
Localização estratégica	Eixo Novo Hospital – Mitra, suportado por corredor estruturado de mobilidade sustentável.

Quadro 5 (cont.) - Visão Estratégica para o Polo das Ciências e Tecnologia

Dimensão	Orientação proposta
Valências académicas a integrar	Valências da ECT atualmente sediadas em Évora e valências já consolidadas na Herdade da Mitra.
Reorganização funcional	Concentração das valências da ECT atualmente sediadas em Évora na área do novo hospital; Integração das componentes de investigação e prestação de serviços associadas aos domínios científicos da ECT numa Infraestrutura Transversal de Investigação, Inovação e Ligação à Sociedade (cf. Cap. 5); Consolidação da Herdade da Mitra como *campus* científico-experimental e afirmação de um polo de formação e investigação de referência nas áreas das ciências agrárias e veterinárias; Desenvolvimento de um Centro de Competências no domínio Aeroespacial, articulado com os *clusters* regional e nacional
Reorganização/reafetação do edificado	Reorganização funcional do Palácio do Vimioso e da Casa Cordovil; Reorganização e qualificação funcional dos edifícios existentes na Herdade da Mitra; Cessação das atividades no atual edifício do CIEMAR em Sines

Figura 5 – Visão Estratégica para o Polo das Ciências e Tecnologia

4.5. Polos territoriais de Estremoz, Sines e Alter do Chão

O modelo funcional proposto para o *campus* preserva e valoriza os polos territoriais de Sines, Alter do Chão e Estremoz que integram historicamente a implantação da Universidade. Estes polos mantêm a sua natureza especializada e a sua articulação com parceiros institucionais próprios, constituindo extensões territoriais da UÉ com vocações científicas específicas.

No caso de Sines e de Alter do Chão, as orientações relativas à sua consolidação encontram-se integradas no enquadramento estratégico do Polo das Ciências e Tecnologia, atendendo à sua inserção disciplinar nas áreas das Ciências do Mar e da Medicina Veterinária, mantendo-se como subpolos especializados com identidade própria no quadro da estratégia global do *campus*.

O Polo de Estremoz assume uma natureza distinta, associada à promoção da cultura científica e à ligação à sociedade, através do Centro Ciência Viva de Estremoz (CCVE), entidade integrada na rede nacional de Centros Ciência Viva. A estratégia da Universidade passa pela manutenção e valorização desta presença territorial, consolidando o seu papel como plataforma estruturada de divulgação científica e de articulação entre investigação, educação e sociedade.

A organização funcional do *campus*, assente nos polos estratégicos descritos, articula-se com um conjunto de infraestruturas e funções transversais, cuja organização é apresentada no capítulo seguinte.

5. Infraestruturas e Funções Transversais

A organização funcional do *campus*, assente nos polos estratégicos definidos no capítulo anterior, exige a definição de um quadro coerente para as funções institucionais e infraestruturas de suporte que asseguram o funcionamento global da Universidade. Estas funções possuem natureza transversal, não se circunscrevendo a uma área disciplinar específica, e desempenham um papel estruturante na coesão territorial, assegurando a operacionalização do modelo proposto.

A consolidação do *campus* implica, por isso, não apenas a reorganização das valências académicas segundo uma lógica disciplinar, mas também a clarificação da organização espacial dos órgãos de governo, dos serviços centrais, das residências universitárias, das bibliotecas e arquivo, bem como das infraestruturas científicas, digitais e tecnológicas estruturantes. A sua implantação territorial e articulação funcional assumem particular relevância no equilíbrio global do *campus* e na racionalização do património edificado.

Neste enquadramento, o presente capítulo apresenta as orientações estratégicas relativas à organização destas funções e infraestruturas, explicitando o seu papel no modelo de *campus* e a sua articulação com os polos funcionais anteriormente definidos.

5.1. Organização espacial dos órgãos de governo e dos serviços

A Universidade dispõe de órgãos de governo e de um conjunto diversificado de serviços que asseguram o funcionamento da instituição, atualmente distribuídos por vários edifícios do *campus*. A sua implantação principal verifica-se no Colégio do Espírito Santo, no Edifício da Antiga Cadeia, na Casa Cordovil, no Edifício Santo Agostinho e no Palácio do Vimioso, sem prejuízo da existência de núcleos ou extensões funcionais noutros edifícios.

No quadro do modelo funcional e espacial do *campus*, a organização territorial destas estruturas assume relevância estratégica, devendo reforçar a centralidade institucional, promover maior coerência na ocupação do edificado e reduzir a dispersão atualmente existente.

Neste contexto, deverá manter-se no Colégio do Espírito Santo a localização dos órgãos de governo e dos serviços que lhes prestam apoio direto, afirmando este edifício como núcleo de governação e representação institucional da Universidade. Paralelamente, importa promover uma reorganização espacial dos restantes serviços, orientada para a sua concentração funcional, designadamente no Edifício da Antiga Cadeia e na Casa Cordovil. Esta orientação visa consolidar funções, reforçar a eficiência organizativa e racionalizar a utilização do património edificado.

Em coerência com a estratégia definida para o eixo Novo Hospital – Mitra, as estruturas e serviços diretamente ligados à investigação, inovação, formação avançada, empregabilidade, transferência de

conhecimento e projetos transversais — designadamente os atuais Serviços de Ciência e Cooperação (SCC), a Divisão de Empregabilidade, Comunidade e Projetos Transversais (DECPT) e o Instituto de Investigação e Formação Avançada (IIFA) — deverão ser territorialmente integrados na Infraestrutura Transversal de Investigação, Inovação e Ligação à Sociedade, configurando um núcleo funcional coeso a localizar na área do Novo Hospital, nos termos definidos no subcapítulo 5.3. Esta integração visa reforçar a articulação funcional entre produção científica, valorização do conhecimento, cooperação institucional e ligação ao território, consolidando o eixo Novo Hospital – Mitra como núcleo estruturante do ecossistema de ciência e inovação da Universidade.

No que respeita aos Serviços de Informática, admite-se igualmente a possibilidade de evolução da sua localização territorial, designadamente para a área adjacente ao Novo Hospital, caso se revele funcionalmente adequada a sua proximidade à Infraestrutura Digital Estratégica a instalar nesse eixo, nos termos definidos no subcapítulo 5.6. Esta eventual relocalização deverá ser avaliada à luz de critérios técnicos, operacionais e de eficiência funcional, assegurando coerência com o modelo global de organização do *campus*.

No âmbito desta reorganização, o Palácio do Vimioso ficará afeto ao Polo das Ciências Sociais, nos termos definidos no respetivo subcapítulo (4.3.), determinando a relocalização dos Serviços de Ciência e Cooperação atualmente ali instalados no quadro da concentração geral dos serviços. A cessação de atividades no Edifício Santo Agostinho, que não integra o património da Universidade, implicará igualmente a redistribuição das funções ali sediadas — maioritariamente correspondentes aos Serviços Académicos — pelos edifícios afetos à concentração definida, em coerência com o modelo espacial estabelecido. Mantém-se, numa perspetiva de longo prazo, a possibilidade de evolução para soluções de maior concentração funcional, a avaliar em função das necessidades institucionais, da disponibilidade financeira e do planeamento global do *campus*.

A Figura 6 ilustra a Visão da organização espacial da Governação e Serviços.

Figura 6 – Visão Estratégica para a Governação e Serviços

5.2. Organização espacial das residências universitárias, bibliotecas/arquivo e demais infraestruturas transversais de apoio à vida académica

A oferta de residências universitárias constitui uma componente essencial do modelo funcional do *campus*, contribuindo para a atratividade da Universidade, para a fixação de estudantes e para a coesão interna. Atualmente, a oferta encontra-se distribuída por várias unidades de dimensão diferenciada, localizadas no centro histórico e em áreas periféricas da cidade, encontrando-se algumas delas em processo de requalificação no âmbito do Programa Nacional para o Alojamento no Ensino Superior (PNAES).

Pretende-se, numa perspetiva estratégica, evoluir para residências universitárias mais consolidadas, eficientes e territorialmente coerentes, assentes em unidades de maior dimensão, com melhores condições de habitabilidade e maior capacidade de gestão integrada.

Neste contexto, define-se como orientação estratégica a manutenção das residências António Gedeão, Manuel Álvares, Bento de Jesus Caraça e Florbela Espanca, valorizando os investimentos recentemente realizados na sua qualificação ao abrigo do PNAES. Paralelamente, define-se como orientação estratégica a alienação das residências Portas de Moura, Eborim e Soror Mariana, atendendo à sua reduzida ou média dimensão e à necessidade de intervenções estruturais significativas, à luz de critérios de racionalidade económica.

Propõe-se igualmente o reforço da capacidade instalada através da construção de uma nova residência universitária no terreno da Malagueira, com 200 camas, para a qual se encontra já desenvolvida uma proposta concreta de projeto, e a criação de uma residência na área do Novo Hospital, com capacidade a definir, em coerência com o desenvolvimento estratégico do *campus* nessa zona.

Adicionalmente, o edifício da antiga Inspeção-Geral da Educação e Ciência (IGEC), cujo processo de transferência de utilização para a Universidade se encontra em curso, deverá ser convertido em residência universitária, contribuindo para a consolidação e diversificação da oferta de alojamento. No âmbito da diversificação da oferta, admite-se que este edifício possa acolher, total ou parcialmente, alojamento temporário, nomeadamente para investigadores e professores convidados ou em mobilidade, colmatando uma lacuna atualmente existente na oferta de alojamento de curta duração.

A reorganização proposta visa assegurar residências universitárias mais coerentes com o modelo funcional do *campus*, capazes de responder de forma estruturada às necessidades da comunidade académica e de sustentar a evolução futura da Universidade.

As bibliotecas e o arquivo histórico constituem infraestruturas estruturantes da Universidade, desempenhando um papel central no apoio ao ensino, à investigação e à preservação da memória institucional. A sua organização espacial deve refletir o modelo funcional do *campus* e acompanhar a reorganização que se preconiza.

Atualmente, a Universidade possui uma Biblioteca Central, sediada no Colégio do Espírito Santo, e um conjunto de bibliotecas especializadas distribuídas por vários edifícios do *campus*. O Arquivo Histórico encontra-se atualmente em processo de instalação no Complexo dos Leões.

Define-se como orientação estratégica a afetação de um novo espaço para a Biblioteca Central e o Arquivo no centro histórico, destinado a concentrar os Serviços de Biblioteca e Informação Documental (SBID), o atual e futuro acervo da Biblioteca Central e o Arquivo Histórico, assegurando melhores condições de conservação, acesso, funcionamento e preservação, incluindo a progressiva digitalização e valorização do património documental. Esta solução poderá assumir a forma de construção de raiz, ou afetação de espaço

ou imóvel atualmente não integrado no património da Universidade, desde que garanta as condições técnicas e funcionais adequadas à natureza destas infraestruturas.

A concretização desta orientação permitirá relocalizar a atual biblioteca instalada no CES e libertar espaços neste edifício, a serem reafectados no âmbito do processo mais vasto de reorganização do *campus*, bem como concentrar, no mesmo espaço a criar, o Arquivo Histórico atualmente em instalação no Complexo dos Leões, libertando igualmente espaços no polo das Artes para outras valências, com o consequente reforço da flexibilidade funcional deste polo. Paralelamente, mantêm-se bibliotecas especializadas em cada um dos polos funcionais, garantindo proximidade aos utilizadores, adequação às especificidades científicas de cada área e articulação com as respetivas dinâmicas académicas.

A reorganização proposta visa consolidar a estrutura bibliotecária da Universidade, articulando a sua reorganização territorial com a modernização funcional e com a salvaguarda e valorização do património bibliográfico e arquivístico, assegurando simultaneamente flexibilidade na definição da solução infraestrutural a concretizar.

As demais infraestruturas de apoio à vida académica — designadamente espaços de refeição, convívio e estudo — assumem um papel determinante na atratividade, permanência e qualidade da vivência do *campus*. A sua organização deve acompanhar o modelo funcional do *campus* e assegurar condições adequadas de utilização.

No domínio da alimentação, importa promover uma implantação territorial mais coerente com a evolução do *campus*. Neste contexto, o novo edifício a construir na Mitra deverá integrar um novo espaço de alimentação, respondendo a necessidades identificadas e reforçando as condições de permanência neste polo. De igual modo, a consolidação do eixo estruturante Novo Hospital – Mitra implicará a existência de oferta de espaços de refeição adequados à concentração das valências do Polo da Saúde, do Polo da ECT e da Infraestrutura Transversal de Investigação, Inovação e Ligação à Sociedade.

No centro histórico, a evolução da reestruturação do *campus* — designadamente com a saída das valências atualmente instaladas no Colégio Luís António Verney — exigirá a identificação de soluções alternativas que assegurem a continuidade da oferta de alimentação nesta área da cidade, garantindo equilíbrio territorial e resposta às necessidades da comunidade académica.

Paralelamente, propõe-se a manutenção de espaços de refeição e convívio distribuídos pelos diferentes edifícios do *campus*, assegurando proximidade e flexibilidade de utilização, em coerência com as especificidades de cada polo funcional.

No que respeita aos espaços de estudo, reconhece-se a necessidade de reforçar a sua disponibilidade e adequação, incluindo a possibilidade de funcionamento com horários alargados. A concretização de uma sala de estudo com funcionamento contínuo deverá ser equacionada em articulação com a autarquia, mantendo-se igualmente a possibilidade de integração dessa valência no futuro edifício da Biblioteca Central, em função da evolução das necessidades identificadas.

A reorganização destas infraestruturas contribui para consolidar condições estruturais adequadas à permanência, à interação e ao funcionamento quotidiano do *campus*, em coerência com o modelo funcional definido para o seu desenvolvimento.

A Figura 7 ilustra a Visão da organização espacial das residências universitárias, bibliotecas/arquivo e demais infraestruturas transversais de apoio à vida académica.

Figura 7 – Visão Estratégica para as Residências Universitárias, Bibliotecas/Arquivo e demais Infraestruturas Transversais de Apoio à Vida Académica

5.3. Infraestrutura Transversal de Investigação, Inovação e Ligação à Sociedade e Infraestrutura Digital

A consolidação do eixo estruturante Novo Hospital – Mitra constitui uma das orientações centrais da reorganização do *campus*. Neste contexto, propõe-se a criação de uma Infraestrutura Transversal de Investigação, Inovação e Ligação à Sociedade, localizada nesse eixo estratégico, e concebida como plataforma integrada destinada a concentrar funções de ciência aplicada, desenvolvimento tecnológico, prestação de serviços especializados e cooperação com empresas, autarquias, instituições públicas e parceiros do sistema científico e tecnológico, afirmando-se como infraestrutura transversal ao conjunto da Universidade e às suas diferentes áreas disciplinares. Propõe-se que esta infraestrutura venha a integrar laboratórios partilhados e plataformas tecnológicas especializadas, organizadas segundo uma lógica de uso comum e de racionalização de recursos, bem como espaços dedicados à experimentação científica, prototipagem e validação tecnológica. Poderá igualmente incluir ambientes de co-criação e inovação aberta, incluindo contextos de experimentação em ambiente real, favorecendo o desenvolvimento de soluções em articulação com entidades externas.

A configuração desta infraestrutura poderá ainda contemplar áreas destinadas à maturação e pré-incubação de iniciativas de base científica e tecnológica, em articulação com o PACT – Parque de Ciência e Tecnologia do Alentejo, bem como espaços de demonstração de resultados de investigação, realização de eventos técnico-científicos e interação regular com o tecido produtivo e institucional. A valorização e partilha de conhecimento, incluindo mecanismos de proteção e gestão da propriedade intelectual, constituem dimensões estruturantes deste modelo, em articulação com as estruturas institucionais competentes.

A dimensão organizativa constitui elemento central desta proposta. A infraestrutura transversal deverá articular-se territorialmente com as estruturas de apoio à investigação, à empregabilidade e à valorização e transferência de conhecimento, designadamente com o Instituto de Investigação e Formação Avançada (IIFA) e com a Divisão de Empregabilidade, Comunidade e Projetos Transversais (DECPT), incluindo a Unidade de Gestão dos Laboratórios da UÉ (UELab). Atualmente, a DECPT encontra-se instalada na Casa Cordovil e o IIFA no Palácio do Vimioso, ambos no centro histórico. A visão estratégica preconizada prevê a reorganização espacial destas estruturas, integrando-as no eixo Novo Hospital – Mitra, em coerência com a natureza das funções que desempenham, nos termos da reorganização territorial dos serviços definida no subcapítulo 5.1. Esta reorganização contribui simultaneamente para a consolidação desta infraestrutura e para a especialização funcional dos edifícios do centro histórico no contexto da reorganização funcional proposta para o *campus*.

A Universidade possui igualmente infraestruturas digitais e tecnológicas de carácter estratégico, estruturantes para o funcionamento global da instituição. A natureza crítica e transversal destas infraestruturas exige enquadramento técnico adequado, condições específicas de operação e uma organização territorial coerente com o modelo global de reorganização do *campus*. Neste contexto, propõe-se a consolidação de uma Infraestrutura Digital Estratégica, de natureza transversal, ao serviço do ensino, da investigação, da inovação e do funcionamento institucional.

No domínio das infraestruturas digitais críticas incluem-se sistemas de computação de alto desempenho, laboratórios dedicados à análise de dados de grande escala, inteligência artificial e metodologias avançadas de modelação e simulação, frequentemente integrados em redes científicas de âmbito nacional e internacional, bem como sistemas institucionais de armazenamento, virtualização, segurança da informação e serviços digitais transversais. Infraestruturas desta natureza exigem condições específicas de energia, climatização, segurança física e lógica, redundância e escalabilidade, que não são compatíveis com soluções improvisadas ou com edifícios históricos adaptados. Nessa medida, a localização atual de parte destas infraestruturas não assegura, de forma estruturada, as condições técnicas exigidas por este tipo de sistemas. Impõe-se a criação de infraestruturas técnicas dedicadas, designadamente de um *datacenter* e de espaços especializados de suporte, concebidos de raiz para responder às exigências operacionais destas plataformas.

Esta Infraestrutura Digital Estratégica deverá integrar, de forma articulada, as capacidades de computação avançada e inteligência artificial, promovendo a expansão progressiva das plataformas existentes e a sua qualificação para níveis de certificação e desempenho compatíveis com infraestruturas de referência. Tal evolução permitirá posicionar a Universidade como polo regional de computação avançada e, num horizonte temporal alargado, como infraestrutura competitiva no contexto europeu.

A área adjacente ao novo hospital, assumida no modelo territorial como principal área de desenvolvimento e consolidação do *campus*, constitui a localização adequada, por permitir, no quadro de novas construções planeadas de raiz, integrar as exigências infraestruturais específicas associadas a estes equipamentos e aos núcleos técnicos complementares de suporte. Neste quadro, a reorganização do *campus* deverá promover a concentração destas infraestruturas nesta localização, articulando-as funcionalmente com a Infraestrutura Transversal de Investigação, Inovação e Ligação à Sociedade referida no subcapítulo anterior e avaliando, sempre que tecnicamente justificado, a relocalização de estruturas de suporte associadas, designadamente dos Serviços de Informática, no sentido de reforçar a coerência, eficiência e resiliência do ecossistema digital da Universidade.

As plataformas tecnológicas de apoio à investigação, à comunicação científica e à produção multimédia, bem como as plataformas de criação artística digital e experimentação tecnológica com vocação

interdisciplinar, poderão igualmente beneficiar desta concentração territorial, potenciando sinergias entre diferentes áreas disciplinares e reforçando a ligação entre produção de conhecimento, inovação tecnológica e expressão criativa. A sua relocalização contribuirá simultaneamente para a racionalização da ocupação dos edifícios onde estas estruturas se encontram, libertando espaços para reafetação de acordo com a reorganização funcional definida para o *campus*.

A organização integrada destas infraestruturas permitirá estruturar um núcleo coerente, evitando dispersão territorial e reforçando a coerência do modelo de *campus*, afirmando a Infraestrutura Digital Estratégica como um dos pilares estruturantes da transformação científica, tecnológica e digital da Universidade.

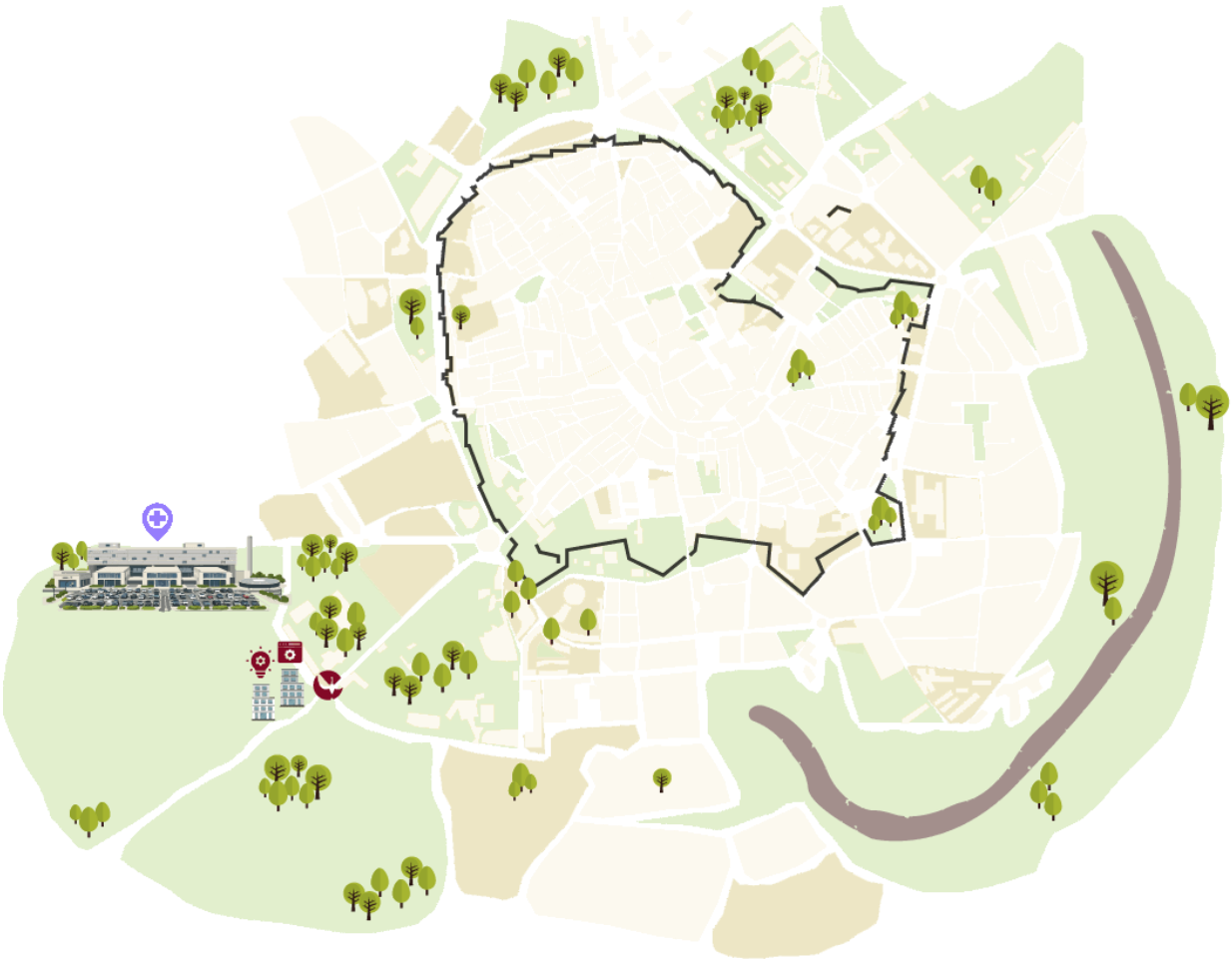

Figura 8 – Visão Estratégica para a Infraestrutura Transversal de Investigação, Inovação e Ligação à Sociedade e Infraestrutura Digital

5.4. Síntese do Modelo Funcional e Territorial do *Campus*

Os capítulos anteriores estabeleceram o quadro estratégico para a reorganização do *campus* da UÉ, definindo uma configuração assente na especialização dos polos académicos, na consolidação de infraestruturas transversais estruturantes e na racionalização progressiva do património edificado.

No Capítulo 4 foi delineada a configuração funcional dos polos — Saúde, Artes, Ciências Sociais e Ciências e Tecnologia — clarificando a especialização disciplinar e territorial de cada um como elemento estruturante da identidade académica da Universidade. Nesse contexto, definiu-se igualmente o eixo estruturante de desenvolvimento Novo Hospital – Mitra como vetor estratégico de desenvolvimento, integrado numa visão sistémica do *campus* e articulado com os restantes polos, salvaguardando a autonomia e centralidade própria de cada um no quadro do modelo definido. No âmbito do Polo das Ciências e Tecnologia, incluem-se ainda novas áreas estratégicas de formação e investigação, designadamente no domínio da Engenharia Aeroespacial, cujo desenvolvimento infraestrutural está previsto junto ao aeródromo de Évora, em articulação com a Câmara Municipal e com entidades do setor aeronáutico regional. Esta implantação específica, embora territorialmente distinta, integra-se funcionalmente no Polo das Ciências e Tecnologia e no sistema de infraestruturas estratégicas do *campus*.

No Capítulo 5 foram explicitadas as orientações relativas à organização espacial das funções institucionais e das infraestruturas de suporte, incluindo órgãos de governo, serviços, residências universitárias, bibliotecas e arquivo, bem como a Infraestrutura Transversal de Investigação, Inovação e Ligação à Sociedade e a Infraestrutura Digital Estratégica, definindo a respetiva implantação territorial e a sua articulação funcional com os polos estratégicos.

A presente secção não introduz novas opções estratégicas, antes sistematiza a configuração territorial consolidada, tornando explícitas as relações entre polos, infraestruturas transversais, rede de residências e equipamentos de suporte à vida académica, como referência estruturada para a implementação faseada do modelo.

A transformação proposta assenta não apenas na especialização territorial dos polos e na consolidação de infraestruturas transversais, mas também na qualificação progressiva do edificado existente, assegurando maior integração funcional, eficiência operacional, articulação territorial entre as localizações do *campus* e sustentabilidade financeira no seu desenvolvimento.

No quadro da consolidação do eixo estruturante Novo Hospital – Mitra, assume igualmente relevância a criação de um corredor estruturado de mobilidade sustentável entre estas duas localizações, promovendo soluções de transporte ambientalmente responsáveis e funcionalmente integradas, designadamente através de modos suaves e transporte coletivo articulado. Esta infraestrutura de mobilidade constitui um

elemento transversal de coesão territorial do campus, reforçando a articulação funcional entre as áreas científicas, tecnológicas e de saúde que integram este eixo estratégico e contribuindo para os objetivos institucionais em matéria de sustentabilidade ambiental.

A organização funcional consolidada do *campus*, resultante da articulação entre polos estratégicos, infraestruturas transversais e operações de racionalização patrimonial, encontra-se sistematizada nos Quadros 6-9, que identificam, respetivamente, as infraestruturas a manter, a criar e as que terão alienação ou cessação de utilização. Esta organização é ilustrada na Figura 9. O faseamento da sua implementação e os mecanismos de governação e financiamento que o viabilizam são desenvolvidos nos capítulos seguintes, assegurando coerência entre visão estratégica, programação temporal e sustentabilidade institucional.

Quadro 6 - Modelo Territorial e Funcional do *Campus*

Localização	Função Estruturante	Componentes Estruturais do Modelo	Enquadramento Estratégico
Eixo Novo Hospital – Mitra	Polo da Saúde; Polo das Ciências e Tecnologia; Infraestrutura Transversal de Investigação, Inovação e Ligação à Sociedade; Infraestrutura Digital Estratégica; Corredor de mobilidade sustentável	**Área do Novo Hospital:** Edifício do Polo da Saúde; Pavilhão gimnodesportivo e estruturas desportivas; Edifício para valências da Escola de Ciências e Tecnologia; Edifício para a Infraestrutura Transversal de Investigação, Inovação e Ligação à Sociedade; Edifício para a Infraestrutura Digital; Núcleo de apoio à investigação, inovação, formação avançada e de suporte informático (incluindo SCC, DECPT, IIFA e SI) **Herdade da Mitra:** Edifícios atualmente existentes; Edifício científico-laboratorial multiusos	Estruturação de um eixo integrado de ciência, tecnologia e saúde, articulando formação, investigação, inovação e experimentação em contexto real, suportado por mobilidade sustentável e infraestrutura tecnológica avançada.
Centro Histórico	Núcleo institucional e de governação da Universidade; Serviços (reitoria, administrativos, académicos, técnicos e de ação social); Polo das Ciências Sociais; Centralidade simbólica, patrimonial e urbana	Colégio do Espírito Santo; Edifício da Antiga Cadeia; Palácio do Vimioso; Casa Cordovil; Biblioteca Central e Arquivo	Afirmação do centro histórico como núcleo institucional estruturante e espaço privilegiado de articulação entre governação, Ciências Sociais e cidade.

Quadro 6 (cont.) - Modelo Territorial e Funcional do *Campus*

Localização	Função Estruturante	Componentes Estruturais do Modelo	Enquadramento Estratégico
Complexo dos Leões	Polo das Artes	Edifícios atuais do Complexo dos Leões; Edifício do Departamento de Música	Consolidação territorial e funcional do Polo das Artes, reforçando coerência interna, racionalização patrimonial e afirmação disciplinar.
Polos Territoriais (fora do núcleo Évora - Mitra)	Especialização temática	**Sines:** CIEMAR (novo edifício) **Estremoz:** Centro de Ciência Viva **Alter do Chão:** Unidade clínica do cavalo e instalações de apoio a estudantes e investigadores	Consolidação de subpolos especializados, reforçando a presença científica da UÉ em domínios estratégicos e a sua articulação com o território.
Cidade de Évora (dentro e fora do Centro Histórico)	Engenharia Aeroespacial	Infraestruturas especializadas junto ao aeródromo de Évora	Afirmação de um domínio emergente, articulando formação, investigação aplicada e ligação ao setor aeronáutico, com reforço da projeção da UÉ.
	Alojamento	Residência António Gedeão; Residência Manuel Álvares; Residência Bento de Jesus Caraça; Residência Florbela Espanca; Residência no edifício da antiga IGEC; Residência na Malagueira; Residência na área do Novo Hospital	Consolidação de uma rede de alojamento territorialmente equilibrada e funcionalmente diversificada, articulada com os polos académicos, garantindo maior capacidade e sustentabilidade operacional, incluindo soluções específicas para estudantes, bem como para docentes e investigadores convidados ou em mobilidade.

Quadro 7 – Infraestruturas a Manter no Quadro da Visão Estratégica para o *Campus*

Infraestrutura	Localização	Enquadramento
Colégio do Espírito Santo	Centro Histórico	Núcleo institucional e Polo das Ciências Sociais
Palácio do Vimioso	Centro Histórico	Afetação ao Polo das Ciências Sociais
Casa Cordovil	Centro Histórico	Utilização complementar ao Polo das Ciências Sociais e concentração funcional de Serviços
Edifício da Antiga Cadeia	Centro Histórico	Concentração funcional de Serviços
Complexo dos Leões	Fora do Centro Histórico (Complexo dos Leões)	Consolidação funcional do Polo das Artes
Edifícios existentes na Herdade da Mitra	Herdade da Mitra	Consolidação do *campus* científico-experimental e das valências agrárias e veterinárias
Instalações de Alter do Chão	Alter do Chão	Polo territorial especializado na área da Medicina Veterinária
Instalações de Estremoz	Estremoz	Polo territorial especializado na promoção da cultura científica e ligação à sociedade
Residência António Gedeão	Fora do Centro Histórico	Alojamento
Residência Manuel Álvares	Fora do Centro Histórico	Alojamento
Residência Bento de Jesus Caraça	Fora do Centro Histórico	Alojamento
Residência Florbela Espanca	Centro Histórico	Alojamento

Quadro 8 - Infraestruturas a Criar no Quadro da Visão Estratégica para o *Campus*

Infraestrutura	Localização	Enquadramento
Edifício do Polo da Saúde	Área do Novo Hospital	Consolidação do Polo da Saúde
Novo pavilhão gimnodesportivo e estruturas desportivas complementares	Área do Novo Hospital	Suporte às valências do Polo da Saúde
Edifício para as valências da Escola de Ciências e Tecnologia	Área do Novo Hospital	Consolidação do Polo das Ciências e Tecnologia
Infraestrutura Transversal de Investigação, Inovação e Ligação à Sociedade	Área do Novo Hospital	Plataforma integrada de ciência aplicada, inovação e ligação ao território
Infraestrutura Digital	Área do Novo Hospital	Infraestrutura digital estratégica dedicada à computação avançada, inteligência artificial e serviços digitais estratégicos
Edifício científico-laboratorial multiusos	Herdade da Mitra	Reforço do *campus* científico-experimental e da investigação aplicada

Quadro 8 (cont.) - Infraestruturas a Criar no Quadro da Visão Estratégica para o *Campus*

Infraestrutura	Localização	Enquadramento
Edifício do Departamento de Música	Complexo dos Leões	Consolidação do Polo das Artes
Biblioteca Central e Arquivo	Centro Histórico	Consolidação e modernização da estrutura bibliotecária e arquivística
Nova residência universitária	Malagueira	Reforço da capacidade instalada
Nova residência universitária	Área do Novo Hospital	Reforço da capacidade instalada
Residência no edifício da antiga IGEC	Centro Histórico	Alojamento para docentes e investigadores convidados ou em mobilidade
Novo edifício do CIEMAR	Sines	Consolidação do polo territorial especializado nas Ciências do Mar
Instalações laboratoriais especializadas no domínio aeroespacial	Junto ao aeródromo de Évora	Desenvolvimento da Engenharia Aeroespacial em articulação com parceiros estratégicos

Quadro 9 - Infraestruturas a Alienar ou com Cessação de Utilização no Quadro da Visão Estratégica para o *Campus*

Infraestrutura	Localização	Enquadramento
Colégio Luís António Verney	Centro Histórico	Racionalização patrimonial no âmbito da reorganização do Polo das Ciências e Tecnologia
Colégio Pedro da Fonseca	Fora do Centro Histórico	Racionalização patrimonial no âmbito da reorganização do Polo das Ciências Sociais e outras valências instaladas
Colégio Mateus d'Aranda	Centro Histórico	Racionalização no âmbito da concentração funcional do Polo das Artes
Pavilhão Gimnodesportivo	Fora do Centro Histórico	Substituição por nova infraestrutura integrada no Polo da Saúde
Residência Portas de Moura	Centro Histórico	Racionalização da rede de residências
Residência Eborim	Centro Histórico	Racionalização da rede de residências
Residência Soror Mariana	Centro Histórico	Racionalização da rede de residências
Edifício Santo Agostinho (não pertencente à UÉ)	Centro Histórico	Cessação de utilização no quadro da reorganização funcional
Edifício atualmente utilizado pela ESESJD (não pertencente à UÉ)	Fora do Centro Histórico	Cessação de utilização com a transferência para o novo Polo da Saúde
Edifício das Alcaçarias (devoluto)	Centro Histórico	Racionalização patrimonial de imóvel devoluto

Figura 9 – Síntese do Modelo Funcional e Territorial do *Campus*

6. Requalificação do *Campus* Existente

A requalificação do *campus* existente constitui um eixo essencial das orientações estratégicas para o seu desenvolvimento futuro, assumindo carácter prioritário. Configura-se como condição necessária para a melhoria das condições de ensino, investigação, trabalho e vida académica e como instrumento fundamental de concretização da estrutura estratégica do *campus* definida nos capítulos anteriores. A auscultação realizada junto da comunidade académica evidenciou, de forma consistente, a prioridade atribuída à qualificação do edificado e dos espaços existentes, sublinhando a necessidade de intervir sobre constrangimentos acumulados ao longo do tempo e de assegurar níveis adequados de conforto, funcionalidade e segurança.

A reorganização do *campus* em polos especializados implica que a requalificação não seja entendida como um processo isolado ou meramente técnico, mas como uma intervenção estratégica orientada para reforçar a coerência funcional, a concentração de valências e a especialização territorial. Parte significativa da estratégia proposta baseia-se, assim, na adaptação e otimização das infraestruturas já existentes, enquadradas numa lógica de racionalização patrimonial e de alinhamento com a nova estrutura organizativa do *campus*.

A intervenção no edificado deverá orientar-se por um conjunto de princípios estruturantes:

a) Adequação funcional ao modelo de polos

Cada edifício deverá ser reconfigurado em função da missão que lhe é atribuída no modelo funcional do *campus*. A intervenção deverá assegurar que os espaços, as infraestruturas técnicas e as condições de utilização respondem às exigências específicas das atividades que ali se desenvolvem. A adequação funcional deverá prevalecer sobre soluções de mera conservação formal, garantindo a utilização plena, eficiente e coerente do património edificado com a missão que lhe é atribuída.

b) Coerência territorial e consolidação de valências

As intervenções não deverão apenas qualificar edifícios individualmente considerados, mas contribuir para a consolidação territorial das valências nos polos definidos. Não deverão ser promovidos investimentos que perpetuem dispersões ou fragmentações funcionais, devendo cada decisão reforçar a concentração estratégica das atividades e a clareza do modelo espacial do *campus*.

c) Valorização e conservação do edificado

No centro histórico de Évora, as intervenções deverão respeitar as condicionantes patrimoniais e regulamentares aplicáveis, assegurando a preservação do valor arquitetónico e simbólico dos edifícios, em articulação com as entidades competentes. No restante *campus*, as intervenções deverão promover a adequada conservação e valorização do edificado existente, bem como a melhoria do seu desempenho

construtivo, energético e funcional. Em ambos os contextos, a valorização do edificado deverá estar articulada com a funcionalidade e subordinada à estrutura estratégica do *campus*.

d) Eficiência energética, conforto ambiental e sustentabilidade

As intervenções de requalificação deverão integrar soluções de melhoria do desempenho energético e da qualidade ambiental dos edifícios, incluindo conforto térmico, acústico e visual, bem como a qualidade do ar interior. A modernização dos sistemas técnicos e a racionalização dos consumos de energia e água deverão contribuir para a redução dos custos de funcionamento e para o alinhamento com metas nacionais e europeias de transição climática, em coerência com os compromissos institucionais da Universidade em matéria de sustentabilidade ambiental.

e) Flexibilidade e adaptabilidade futura

Os espaços deverão ser concebidos ou reconfigurados com um grau adequado de flexibilidade, permitindo acomodar evoluções pedagógicas, científicas e tecnológicas e responder a eventuais ajustamentos futuros do modelo funcional do *campus*.

f) Acessibilidade universal e inclusão

As intervenções de requalificação deverão assegurar o cumprimento das normas legais aplicáveis em matéria de acessibilidade, promovendo condições adequadas para pessoas com mobilidade reduzida ou outras necessidades específicas. Sempre que técnica e regulamentarmente possível, deverão ser eliminadas barreiras arquitetónicas e melhoradas as condições de circulação, utilização e segurança, contribuindo para um *campus* mais inclusivo e equitativo.

g) Qualificação dos espaços exteriores

A requalificação do *campus* existente deverá igualmente abranger os espaços exteriores, reconhecendo o seu papel na qualidade da experiência académica, na identidade do campus e na sustentabilidade ambiental. A auscultação realizada junto da comunidade académica evidenciou a importância atribuída à melhoria das condições de circulação pedonal, das áreas de permanência e convívio, bem como à valorização dos espaços verdes e da estrutura verde do *campus*.

As intervenções deverão promover a qualificação dos percursos, zonas de estadia e enquadramento paisagístico, contribuindo para melhores condições de conforto e utilização ao longo do ano, podendo incluir soluções como o reforço do sombreamento, a arborização adequada, a mitigação de ilhas de calor e a melhoria da qualidade de permanência nos espaços exteriores. Sempre que adequado, deverão ser integradas soluções baseadas na natureza que reforcem a resiliência climática e reduzam o impacto ambiental das infraestruturas.

A qualificação dos espaços exteriores deverá articular-se com o modelo funcional do *campus*, contribuindo para a organização clara dos acessos e percursos no interior de cada polo, para a melhoria das condições de circulação e para a valorização da identidade própria das diferentes áreas, assumindo os espaços exteriores como componente estruturante da organização interna e da experiência global do *campus*.

h) Racionalização de áreas e custos de manutenção

Sempre que possível, a reorganização funcional deverá permitir a libertação de edifícios ou áreas cuja manutenção não se justifique face à estratégia definida, promovendo a consolidação do património efetivamente utilizado e contribuindo para a redução sustentada dos custos de funcionamento.

A preservação do património edificado deverá assumir um carácter seletivo e criterioso, integrando-se numa abordagem que concilie valor histórico e identitário com funcionalidade, sustentabilidade ambiental e encargos de manutenção compatíveis com a missão da Universidade. A intervenção não deverá traduzir-se numa conservação indiscriminada, mas numa valorização estratégica do edificado coerente com a estrutura estratégica do *campus*.

Neste enquadramento, a requalificação do *campus* existente não constitui um processo autónomo, mas uma dimensão estruturante da transformação global proposta, devendo cada intervenção ser avaliada à luz do seu contributo para a consolidação dos polos definidos, para a racionalização patrimonial e para a coerência do sistema territorial do *campus*, reforçando a sustentabilidade institucional e assegurando uma trajetória consistente de qualificação e adaptação futura do *campus*.

Estes princípios estruturantes podem ser resumidos nos eixos identificados na Figura 10.

Figura 10 – Eixos Estruturantes para a Requalificação do *Campus* Existente

7. Faseamento da Implementação do Modelo Funcional e Territorial do *Campus*

A concretização do Modelo Funcional e Territorial do *Campus* exige uma abordagem faseada e estruturada, garantindo a continuidade do funcionamento regular da Universidade, a qualificação progressiva das infraestruturas e a concretização faseada das opções estratégicas definidas.

O faseamento constitui um instrumento de governação da transformação, permitindo articular prioridades institucionais, maturidade técnica dos projetos, capacidade financeira e oportunidades de financiamento. A sequência temporal das intervenções poderá ser ajustada em função da disponibilidade de recursos, no quadro da coerência do modelo territorial definido.

O processo integra a criação de novas infraestruturas, a requalificação e adaptação do património existente e a racionalização progressiva de ativos que deixem de cumprir função estruturante no modelo adotado, assegurando consolidação progressiva da integração funcional entre polos, eficiência operacional e sustentabilidade financeira.

A requalificação do edificado assume natureza contínua, atravessando todas as fases do processo e incidindo prioritariamente sobre situações críticas, numa lógica de melhoria das condições existentes.

Embora o estado final do *campus* esteja claramente definido, a sua concretização deverá manter flexibilidade operacional, admitindo soluções intermédias sempre que tecnicamente viáveis e institucionalmente coerentes com a estrutura estratégica adotada.

Fase I – Qualificação e Preparação

A primeira fase centra-se na qualificação do *campus* existente e na preparação técnica das intervenções estruturantes que suportarão a reorganização territorial e funcional definida, assegurando resposta imediata às situações mais críticas identificadas. Inclui, designadamente:

- requalificação abrangente do edificado existente, incluindo adaptações funcionais, reorganização de espaços, modernização de infraestruturas técnicas e reforço das condições de segurança;
- resolução de situações críticas de degradação estrutural;
- concretização de projetos tecnicamente consolidados ou com financiamento assegurado, alinhados com o modelo estratégico;
- implementação de opções de racionalização patrimonial decorrentes da reorganização funcional;
- concretização de uma das residências universitárias, em fase avançada de preparação;
- preparação técnica das grandes intervenções associadas ao eixo Novo Hospital – Mitra.

Esta fase poderá não corresponder à conclusão física de todas as intervenções previstas, mas é determinante para preparar, estruturar e viabilizar de forma sustentada a transformação do *campus* nas fases subsequentes. A requalificação iniciada nesta fase manter-se-á como processo contínuo nas fases seguintes, acompanhando a consolidação funcional dos polos e a evolução das necessidades, numa lógica de melhoria contínua e de responsabilidade institucional.

Fase II – Implementação e Consolidação

A segunda fase corresponde à consolidação progressiva do modelo territorial, traduzindo-se na materialização física das suas componentes nucleares e no reforço do eixo estruturante Novo Hospital – Mitra, incluindo a estruturação das condições de articulação territorial sustentável ao longo deste eixo. Inclui, designadamente:

- o desenvolvimento e consolidação do Polo da Saúde na área do Novo Hospital, incluindo a instalação e progressiva transferência das valências académicas e científicas associadas;
- o reforço e modernização das infraestruturas científicas e laboratoriais da Herdade da Mitra, consolidando o seu papel como *campus* científico-experimental e como componente estruturante do eixo territorial definido;
- a implementação faseada de um corredor estruturado de mobilidade sustentável ao longo do eixo Novo Hospital – Mitra, assegurando a articulação funcional e ambientalmente qualificada entre as áreas que o integram;
- a instalação das valências da Música no Complexo dos Leões, no quadro da consolidação do Polo das Artes;
- a reorganização progressiva do centro histórico, incluindo ajustamentos de ocupação e reafectações internas que preparem a futura consolidação do Polo das Ciências Sociais e dos serviços, podendo admitir soluções transitórias que assegurem a continuidade funcional até à plena consolidação do eixo Novo Hospital – Mitra;
- a continuação estruturada da requalificação progressiva do edificado existente, assegurando que a qualificação do património acompanha a materialização das novas infraestruturas e a reorganização territorial do *campus*;
- o desenvolvimento progressivo das condições necessárias à instalação da Infraestrutura Transversal de Investigação, Inovação e Ligação à Sociedade na área do Novo Hospital;
- o início da preparação técnica e programática da residência universitária na área do Novo Hospital, em coerência com o desenvolvimento do Polo da Saúde e do Polo das Ciências e Tecnologia;
- a implementação das opções de racionalização patrimonial associadas à reorganização funcional.

Esta fase deverá consolidar de forma inequívoca o novo modelo territorial e funcional do *campus*, incluindo a operacionalização da articulação territorial sustentável do eixo Novo Hospital – Mitra, ainda que a conclusão das intervenções de maior dimensão estrutural e financeira — designadamente as associadas à plena reorganização do centro histórico e à consolidação integral do eixo Novo Hospital – Mitra — possa ocorrer na fase subsequente, em função da maturidade técnica dos projetos e da sustentabilidade financeira assegurada.

Fase III – Conclusão e Estabilização

A terceira fase corresponde à conclusão das intervenções estruturantes de maior dimensão, assegurando a estabilização plena do modelo funcional e territorial do *campus*. Inclui, designadamente:

- a conclusão das infraestruturas associadas ao eixo Novo Hospital – Mitra, incluindo a instalação definitiva das componentes do Polo das Ciências e Tecnologia previstas para essa área;
- a conclusão e estabilização da Infraestrutura Transversal de Investigação, Inovação e Ligação à Sociedade, bem como a consolidação da Infraestrutura Digital Estratégica, de natureza transversal ao funcionamento da Universidade;
- a construção e entrada em funcionamento da residência universitária na área do Novo Hospital;
- a consolidação integral da reorganização do centro histórico, com a plena afirmação do Polo das Ciências Sociais e da reorganização dos serviços, na sequência da transferência de valências científicas e laboratoriais para o eixo Novo Hospital – Mitra;
- a criação da infraestrutura destinada à nova Biblioteca Central e Arquivo no núcleo do Espírito Santo, com consequente reorganização e libertação de espaços nos edifícios envolvidos;
- a conclusão do processo de racionalização patrimonial, incluindo a alienação das infraestruturas que deixem de integrar o modelo definido;
- eventuais expansões estratégicas condicionadas à sustentabilidade financeira e à celebração de parcerias estruturantes.

Esta fase corresponde à estabilização definitiva e maturidade funcional do modelo territorial do campus, assegurando coerência institucional, racionalidade patrimonial e capacidade de projeção futura da Universidade.

Interdependências

A concretização das diferentes fases deverá respeitar as interdependências funcionais e territoriais identificadas no modelo estratégico, designadamente a relação estruturante entre a consolidação do eixo

Novo Hospital – Mitra e a reorganização definitiva do centro histórico, que constitui um dos principais mecanismos de desbloqueio da reorganização global do *campus*.

Determinadas operações — como a reafetação de edifícios a determinados polos, a alienação de infraestruturas ou a concentração plena de serviços e valências académicas — dependem da conclusão prévia de novas infraestruturas ou da disponibilização de soluções alternativas adequadas, devendo cada decisão ser avaliada à luz do seu impacto sistémico no conjunto do modelo territorial.

O faseamento definido constitui um quadro estruturado, mas flexível, admitindo ajustamentos temporais sempre que coerentes com o modelo final. Cada decisão deverá ser avaliada quanto ao seu impacto sistémico, assegurando continuidade funcional, estabilidade institucional e responsabilidade financeira ao longo de todo o processo de transformação.

A fases do processo encontram-se sintetizadas na Figura 11.

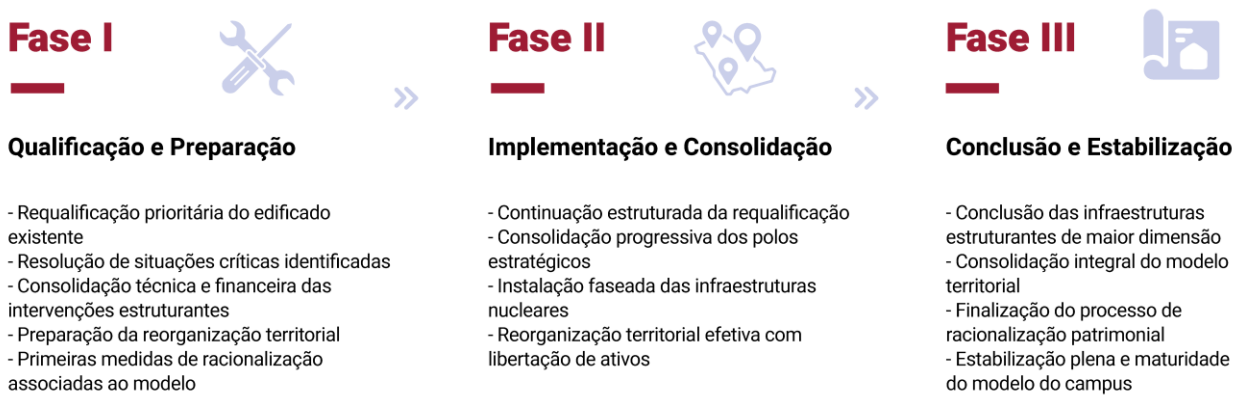

Figura 11 – Faseamento da Implementação do Modelo Funcional e Territorial do *Campus*

8. Governação, Financiamento e Parcerias Estratégicas

A concretização do Modelo Funcional e Territorial do *Campus* exige um quadro de governação e financiamento estruturado, faseado e estrategicamente alinhado com as prioridades institucionais, assegurando a viabilidade económica das intervenções e a sustentabilidade financeira a médio e longo prazo.

Atendendo à diversidade e à escala das ações previstas — que incluem requalificação do edificado existente, construção seletiva de novas infraestruturas e modernização tecnológica — revela-se necessária uma abordagem integrada, que evite soluções avulsas e permita alinhar investimento, planeamento e capacidade de execução. A transformação do *campus* deve ser entendida como um programa estruturado, desenvolvido por fases, evitando intervenções isoladas e desconexas.

O modelo de governação deverá acompanhar o faseamento definido no capítulo anterior, organizando os investimentos por conjuntos estruturados de intervenções e assegurando que cada etapa consolida territorial e funcionalmente o modelo antes da transição para a fase seguinte. A coordenação estratégica deverá garantir a articulação entre decisão, execução técnica e planeamento financeiro, promovendo previsibilidade, disciplina orçamental e capacidade de resposta a oportunidades de financiamento. A governação da transformação deverá assentar em mecanismos claros de acompanhamento, monitorização e avaliação periódica da execução, garantindo transparência, responsabilização e ajustamento contínuo das prioridades.

O financiamento deverá assentar numa combinação equilibrada de fontes, integrando recursos públicos nacionais, fundos europeus e outros instrumentos de apoio ao ensino superior, à ciência, à inovação e à qualificação das infraestruturas. Para além de linhas especificamente dedicadas a infraestruturas, deverão ser consideradas oportunidades de financiamento de projetos que integrem componentes elegíveis nesta dimensão, compatíveis com o modelo funcional definido.

A priorização do investimento deverá obedecer a critérios claros, assegurando o equilíbrio entre intervenções de manutenção e requalificação do património existente, investimentos estruturantes associados à reorganização funcional do *campus* e ações de modernização tecnológica indispensáveis ao funcionamento da Universidade.

O faseamento financeiro assume, neste contexto, um papel central. A afetação de recursos deverá acompanhar o grau de maturidade dos projetos, privilegiando, no curto prazo, projetos com financiamento assegurado ou elevado grau de preparação, e reservando para fases subsequentes operações de maior complexidade e impacto financeiro. Esta abordagem reduz risco, reforça a

credibilidade institucional e permite manter flexibilidade para responder a ciclos de financiamento regionais, nacionais e europeus.

A racionalização do património constitui igualmente um instrumento relevante de sustentabilidade financeira. As operações de alienação ou reafetação previstas integram uma estratégia de concentração funcional e territorial coerente com o Modelo Funcional e Territorial aprovado e com a otimização de custos de funcionamento, não sendo um fim em si mesmas, mas parte integrante de uma estratégia de libertação de recursos para investimentos estruturantes previamente definidos. A gestão patrimonial deverá manter coerência com o modelo funcional aprovado, assegurando que eventuais receitas extraordinárias são orientadas para projetos estruturantes previamente definidos..

A concretização do modelo de *campus* deverá igualmente beneficiar do estabelecimento de parcerias estratégicas, designadamente com entidades públicas e institucionais ao nível local, regional e nacional, bem como com entidades privadas.

Neste domínio, assume especial relevância a articulação estratégica com a Câmara Municipal de Évora e com a Comissão de Coordenação e Desenvolvimento Regional do Alentejo, enquanto parceiros institucionais centrais no enquadramento territorial e na viabilização de investimentos associados ao desenvolvimento do *campus*. A articulação com estas entidades permite alinhar os projetos da Universidade com instrumentos de planeamento territorial, estratégias regionais de desenvolvimento, políticas de coesão e programas de financiamento relevantes.

Deverá igualmente ser assegurada uma relação institucional estável com a tutela governativa, designadamente através de instrumentos de financiamento plurianual, como contratos-programa e outros mecanismos estruturados, fundamentais para viabilizar investimentos de maior escala, garantir previsibilidade financeira e alinhar as opções estratégicas da Universidade com as políticas públicas para o ensino superior, a ciência e a inovação.

A cooperação com entidades privadas poderá assumir natureza complementar, designadamente através de mecanismos de mecenato, cofinanciamento de infraestruturas ou desenvolvimento conjunto de projetos, sempre salvaguardando a missão pública da Universidade, a sua autonomia académica e a transparência contratual.

A articulação territorial constitui, neste contexto, um elemento estruturante. A integração do *campus* nas dinâmicas urbanas e regionais reforça o impacto científico, social e económico dos investimentos realizados, permitindo potenciar sinergias com equipamentos estruturantes e estratégias de desenvolvimento do território.

A transformação do *campus* constitui uma decisão estratégica estruturante para as próximas décadas. Não se trata apenas de reorganizar espaços ou racionalizar infraestruturas, mas de afirmar um modelo institucional mais coerente, mais eficiente, financeiramente sustentável e territorialmente integrado, alinhado com as exigências atuais e futuras do ensino superior, da investigação e da ligação à sociedade.

A governação, o financiamento e as parcerias constituem condições estruturais de concretização da estratégia aprovada. A implementação faseada do modelo funcional traduz uma decisão institucional clara: concentrar recursos onde geram maior impacto, assegurar sustentabilidade financeira e patrimonial e reforçar o papel da Universidade como instituição âncora do desenvolvimento regional e da produção de conhecimento.

O sucesso desta transformação dependerá da consistência das opções assumidas e da capacidade de execução progressiva do programa definido, assegurando estabilidade institucional e consolidação duradoura do modelo territorial adotado.

A estratégia de Governação, Financiamento e Parcerias Estratégicas encontra-se sintetizada na Figura 12.

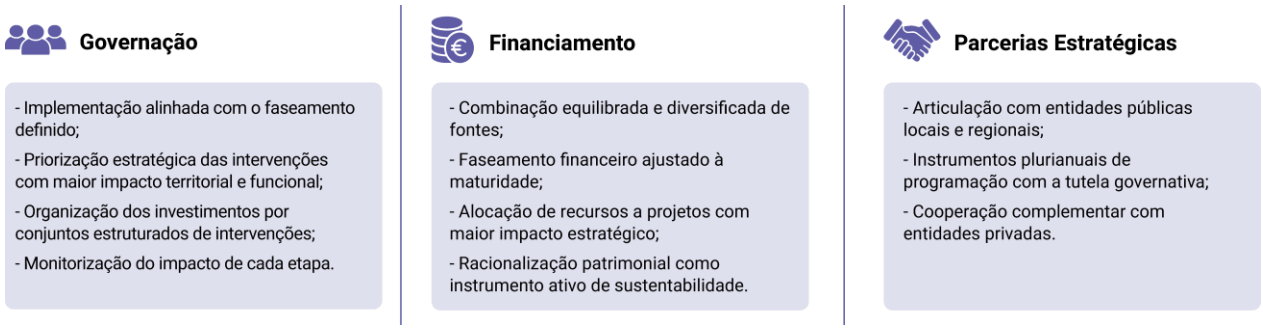

Figura 12 – Governação, Financiamento e Parcerias Estratégicas

9. Nota Final – O *Campus* como Projeto Institucional

O futuro do campus da UÉ não é apenas uma questão de edifícios, mapas ou plantas arquitetónicas. É, acima de tudo, a expressão concreta da Universidade que se pretende ser. Um *campus* é um lugar onde se trabalha, se aprende e se partilha, mas também onde se vive, se pensa em conjunto e se constroem comunidades. É memória acumulada e horizonte de futuro.

O processo participativo desenvolvido revela uma Universidade que, ao refletir sobre o seu espaço físico, questiona e projeta o seu projeto educativo, científico, cultural e institucional. A visão que daí emerge é profundamente coletiva e institucional, traduzindo uma comunidade que reconhece o *campus* como bem comum e como parte integrante da sua identidade.

Ao longo deste processo, a comunidade académica deixou uma mensagem clara: o *campus* deve unir. Aproximar ensino e investigação, estudantes e docentes, ciência e cultura, Universidade e cidade. Deve acolher, inspirar e favorecer a permanência. Um lugar onde se reconhece a identidade plural e histórica da UÉ e a sua ambição de futuro.

A transformação projetada não será imediata nem abrupta; será gradual, sensata e consistente. Começa por cuidar do que existe - reforçando condições de conforto, segurança e qualidade de utilização - e avança depois para a reorganização dos espaços e para a criação de novas centralidades capazes de fortalecer a missão académica. Esta mudança exige visão, continuidade e compromisso coletivo. Requer que a Universidade pense para além de ciclos curtos, assumindo o *campus* como projeto de longo prazo.

Exige, também, confiança e responsabilidade institucional: confiança na capacidade da Universidade para se reinventar; confiança na participação ativa da sua comunidade; confiança de que o *campus* pode ser, simultaneamente, património vivo e laboratório de futuro.

O processo participativo não termina aqui. As próximas fases - tomada de decisões, planeamento, execução e monitorização - deverão continuar a envolver a Universidade no seu conjunto, garantindo transparência, corresponsabilização e construção partilhada.

Em síntese, a Visão estratégica para o *campus* da Universidade de Évora assenta num conjunto de princípios orientadores que traduzem, de forma integrada, os valores, prioridades e ambições identificados ao longo do processo participativo. Estes princípios sintetizam a ideia de um campus como espaço de convergência — entre ensino, investigação, cultura e sociedade —, estruturado por uma lógica de continuidade, participação e compromisso coletivo, e orientado para a construção de um ambiente académico coeso, sustentável e de referência (Figura 13).

Figura 13 – Síntese dos Princípios Orientadores da Visão Estratégica para o *Campus* da UÉ

Ao concretizar esta Visão — ancorada em princípios claros e partilhados — a UÉ afirma-se como instituição de referência, aberta à cidade, enraizada no território, integrada nas dinâmicas de desenvolvimento regional e comprometida com a formação de cidadãos e profissionais preparados para agir com responsabilidade, sentido crítico e capacidade transformadora.

Construir o futuro do *campus* é assumir, de forma clara e sustentada, uma decisão estratégica sobre o futuro da Universidade — um compromisso institucional sustentado, partilhado e orientado para a concretização progressiva desta Visão.

UNIVERSIDADE DE ÉVORA